

Infeluz Carolina

3 actos

Biblioteca de Teatro e Cinema

58

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

ex^o 17

Infeliz Carolina!

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Acto 1^o

Escola Superior de Teatro e Cinema

Infeliz Carolina!

Personagens:

+ Montedonio Tortenville
+ Valle Jubinet
+ Diniz Saturnino
+ Reloy Paulo
+ Beatriz * Carolina
+ Fernina Antonia Tortenville
+ Lucinda Julieta
+ Relira Marianna

Montedonio
Valle
Diniz
Reloy
Beatriz
Fernina
Lucinda
Relira

Instituto Politécnico de Lisboa

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 1.º

Uma sala - Duas portas ao F., à D. e à E. - Fogo entre as duas portas do F. - N'esse fogo candieiros acesos. - Portas lateraes no 3.º plano - Janela no 1.º plano à D. - À E., 1.º plano, um piano encostado à parede. - Em cima do piano um tinteiro, uma escova, e um papel matalhorrão - À E. uma pequena mesa. - À D. um canapé guarnecido de travesseiros. - Poltronas, cadeiras - Mobília elegante. - Ao subir o panno, os esposos Tortenville estão a dormir n'umas poltronas ao pé do fogo, Antonia à E. Tortenville à D. - Julieta, sentada ao pé da mesa lê um jornal.

Cena 1.ª

Julieta, Antonia, Tortenville, Depois Marianna.

= Julieta =

[Lendo] "Creu senta-se no banco fatidico; a sua attitudede sombria revela intimas preoccupações. Charamonte se percebe que, depois de ter assassinado a famíliã Dugosquet, não deiza de receiar que terminem de um modo para elle desastroso esses desgraçados debates." Tortenville ressona alto. Julieta parando [Ch!] elles adormeceram! Está bom! se é este o effeito que lhes produz a "Gazeta dos Tribunaes".

2
= Marianna =

Entrando pelo F. E. Menina! menina!

= Julieta =

Levantando-se e pondo o jornal em cima da mesa Marianna!

= Marianna =

Mostrando um jornal Aqui está o "Monitor do exercito."

= Julieta =

Da' cá depressa. Vaga no jornal.

= Marianna =

A menina gosta muito mais d'este jornal do que do outro, não é verdade?

= Julieta =

Fazes favor de te calar?

= Marianna =

Ora! elles dormem tão bem! o somno da innocencia!

= Fortenille =

Sonhando. Pois é verdade! Pros!

= Marianna =

Prindo e passando á l de Julieta Hein! como elles são felizes!

Mas o somno do justo sempre faz muita bulha!

= Julieta =

Pois sim! olha que se elles apanhassem isto! (mostra o jornal.)

= Marianna =

Porque? É algum crime ter um primo militar, e querer saber se aquelles pobres caçadores de Africa apanham a sua promoçõesinha?

= Julieta =

É meu primo Paulo é tão amavel, tão alegre!

= Tortanville =

(Jonhando) Meio bife! e feijão verde!...

= Antônia =

(Jonhando) Quantos talheres?

= Marianna = sobre a 3

(Brindo) Conversam um com o outro! Estão muito bons! O melhor é irmo-nos embora, meninas, que elles agora dormem uma famosa sonneca.

Eu sei lá, Marianna! = Julieta =

= Marianna =

Digo-lhe isto, vamos para o seu quarto, onde, e vamos a ver se encontramos no tal ~~jornaleiro~~ as chancelleiras de seu primo!

= Julieta = ^{da}

Então, vamos. \ Saem para a S. no bico dos pés; mas com a bucha que a ~~porta~~ far, os Porteuville accõdam de repente. |

= Porteuville =

Que estava eu dizendo? Ah! já sei! Diria eu... mas espera lá, Antonia, parece que eu que dormi...

= Antonia =

Tu, sim! Então se tu dormisses, eu não dava por isso.

= Porteuville =

É verdade... Pois diria eu que somos o mais felizes que se pode ser... Não é verdade, Antonia?

= Antonia =

É sim. Jacyntho, mas, se somos felizes, bem o merecemos a Deus.

= Portaville =

~~Na~~ ^{Na} trinta annos que exerci as funcções de dono de casa de pasto, com jantares de mesa redonda a dois francos sem vinho, e a dois francos e cincoenta centimos entrando meia garrafa, ouro dizer, ouro repetir á face do globo, que não faltei nem um só minuto aos meus deveres.

= Antonia =

É eu, Jacyntho?

= Portaville = ^{len}

^{Levantando-se} Tu? foste a nobre companheira do homem laborioso.

= Antonia =

Quem olhava pelas toalhas?

= Portaville =

Éras tu. E quem ia pela manhã ao açougue e á praça?

= Antonia =

^{len} Tu mesmo. E á noite quem fazia as contas?

= Portaville =

Tu propria. E no meio do tumulto e da vida da

casa, tiveste tempo ainda para me dar duas filhas.
Mulher corajosa, eu te agradeço!

= Antonia =

Emfim trespassámos o estabelecimento, levando pa-
ra a nossa casinha os nossos quarenta mil fran-
cos de rendimento.

= Fortenville =

Jubinet pediu-nos a mão de nossa filha Carolina.

= Antonia =

Demos-lh'a.

= Fortenville =

Jubinet não se pode chamar a nata dos homens
honrados?

= Antonia =

A nata, isso é verdade.

= Fortenville =

Ora ahí tens! E Carolina não se pode dizer o be-
ijinho das mulheres felizes?

= Antonia =

O beijinho, isso é exacto.

= Porterville =

Pois ahí tens! Não dephuctamos, eu e tu, uma excel-
lente saúde? Não temos pulso regular e somno
socegado? Não temos pés quentes, cabeça fresca
e estomago sadio? Temos! Pois então, é não pedre-
mos mais nada á Providencia! ^{Deita-se no canapé} Somos felizes!

= Antonia =

O mais felizes que se pode ser! Tornam-se a sentar
Porterville no canapé, Antonia ao pé da mexinha. | á E

Scena 1.
Antonia, Saturnino e Porterville.

Escola Superior de Teatro e Cinema

= Saturnino = F.D.

Entrando pelo F. D. com um livro debaixo do braço, com um modo
sombrio. O patrão não está cá?

= Porterville =

Ah! é o Saturnino!

= Antonia =

Como foi nosso criado, sempre que o vejo entrar,
parece-me que ainda temos casa de pasto.

= Saturnino = deuce u

Grangendo os dentes | O que eu lhes pergunto é se o patrão
não está aqui?

= Portaville =

Pois tu não vês, grande bruto!

= Saturnino =

Bruto! Insulte-me! insulte-me à vontade! Esma-
gue, esmaque com o seu ciro a infima pobreira.

= Portaville =

Que diabo tem elle hoje?

= Saturnino =

Nada! Que heide eu ter? Não tenho nada!

= Antonia =

Pois que razão de queixa tens tu? Abandonamos-
te por acaso?

= Portaville =

Quando a Carolina casou, não firemos com que
ficasses ao serviço de meu genro?

= Saturnino =

Na qualidade de moço de confeitiro! Sem du=

vida alguma! Pois queiro-me eu, por ventura?

= Portauville =

Tambem não faltava mais nada.

= Saturnino =

A sociedade é assim... Tinham uma filha, confia-
ram-na a quem? a um confeitiro de Orleans.
(departamento de Loiret)... Magnifico! soberbo!
Esse homem tinha oiro... Arrojaram ~~a~~ a filha aos
seus braços... E a sociedade chama a isto um casa-
mento! Seja! Chamemos a isto um casamento!

Escola Superior de = Portauville = ^{len}

Levantando-se e sua mulher tambem | Luce diabo está elle a
dizer?

= Saturnino =

Deixe-me acabar, Sr Portauville, deixe-me acabar...
Qual é o cipo da sociedade? O oiro! Um pae é
opulento... Quem é que elle vai escolher para espo-
so de sua filha? Um poeta? Pois não! Epilem-se

para as aguas fortadas miseraveis os pobres sonni-
dores! A musa não tem cotacão na Bolsa! Ve-
nha um confeitiro de Loiret! Ah! ah! Eis-
aqui a sociedade! ^{pa 3}
= Antonia = de pé

Os romances dão com elle doido!

= Portemville =

Que diabo traz elle debaixo do braço?

= Saturnino =

"Os Corações de ferro." de Xavier de Montepin.

= Portemville = ^{pa 1}

Então que mais querem? Volta-lhe as costas e passa à E.)

= Antonia = ^{pa 3}

(Descendo à D.) Mas enfim, o que é que elle tem
na 6 mezes? Vae-se sentar no canapé.) e

= Portemville = de pé

E' verdade, está mais idiota do que estava d'antes.

Que tens tu? Explicas-te claramente ou não

te explicas?

= Saturnino =

É o meu segredo; hade morrer comigo.

~~Acerta-se no pé de ^{Assunção} Porteuville = acerta-se no pé de ^{Assunção} Porteuville~~

Pois então morre, e que te leve o diabo.

= Saturnino = ^{sobre a assinatura da} ~~casado de Porteuville~~

Uma ultima pergunta; Sr Porteuville, e vou ou-
tra vez para a loja; quando tinha casa de pasto o
que é que dava aos fregueses famintos? Não scis
me, não scisme que eu lhe digo: Sopa, três pra-
tos á escolha, sobremesa. Substituia um prato
por meia dúzia d'elles... Sr Porteuville, a pergun-
ta é solenne: com quantos pratos substituiu o
prato de felicidade de sua filha?

= Antonia =

Levantando-se | Hein!

= Porteuville = ^{lev}

Que estás tu para ahí a cantar?

= Saturnino =

Ai! não! não canto, porque as canções morreram
n'este coração ulcerado ^{deme a} &

= Porteuville = deme

Um pouco inquieto | O que, a m.^a filha? a m.^a Caro-
lina?

= ~~Antonia~~ = deme

Saturnino, faça favor de se explicar immedi-
tamente.

= Saturnino =

Abriu o livro e lendo | "A ventura é uma ave de arriba-
cão..." | Dirigindo-se a Antonia | ^o m.^a m.^a, são palavras
do author; oíçam, oíçam ambos. | Continuando a
ler. | "É o ^{cubalto} ~~especto~~ do céu pode cobrir-se de nuvens
negras... bem negras. Por isso a Duquesa Helena
mordia o lenço a soluçar. Com Fabiano seria
feliz, mas seus paes preferiam-lhe o Duque de
San-Lucas. Porque, já o leitor o sabe; esse ho-
mem tinha oiro!"

= Alma voz =

\Dentro\ Lá na loja não ha quem sirva os frequentes?

= Saturnino =

\Rangendo os dentes\ Lá'vae / lá'vae! \Mette o livro debaixo
do braço e sai gravemente pelo F.D. \ F.D.

Scena 3^a

Porteuville, Antonia, depois Carolina.

= Antonia = sobe

\Sentando-se ao pé do fogão\ Este rapaz está' doido. ' senta-se

= Porteuville =

\Indo encostar-se ao fogão^{amuro}\ Está' idiota de todo. Carolina é
feliz... Sou capaz de pôr a mão no fogo em como
ella é feliz.

= Antonia =

E se houvesse alguma coisa com o marido, nós não
o sabiamos logo?

= Porteuville =

Está' claro! Aquelle animal do Saturnino com o
diabo dos romances. Ainda lhe vem a succeder

alguma. {abre-se a porta da E.} E.A.

= Antonia =

Ahi vem a Carolina!

= Porteuville =

Interroguemol-a.

= Antonia =

Não, jacyintho... Deixa-me lêr no seu coração!

= Carolina = *acc a 3*

{entra pela porta da E.} mergulhada n'um scismar profundo. Ergue os olhos ao céu, solta um suspiro, passa as mãos pelo rosto, depois, faz estalar os dedos. ^{GR}Enfim dirige-se á janella e levanta a cortina. Com voz surda! Sempre chuva! ~~atempadamente~~

= Antonia = *len*

{Baixo ao marido} Aquelle modo triste... Ah! meu Deus.

= Porteuville =

{Baixo} É verdade... está assim com uns modos... equisitorios! Querem vêr que o Saturnino...

= Antonia =

{Baixo} Cala-te! Vamos a vêr o que ella diz!..

= Carolina = 1

Dirige a janella, desce febrilmente a scena, e tira da algibeira um jornal, lendo a parte, com voz breve. | "Monitor do exercito" - "Os ~~arabes~~ arabes da tribu dos Beni-Fauz negaram-se a pagar o imposto." São incriveis estes arabes... não querem pagar. | continuando | "Tomaram-se medidas energicas, foi mandado contra elles o 3 de caçadores." | Com um grito | Ah! se elles o matem!

= Antonia = dme a 2

Carolina. | Dirige-se para ella, assim como seu marido. |

= Carolina =
Escola Superior de Teatro e Cinema

Mãe! | Escondendo o jornal, e tomando um ar alegre | Estavam ahi, meus bons amigos?

= Protavilla =

Estávamos...

= Antonia =

Que estás tu a esconder?

= Carolina =

Mettendo o jornal na algibeira | Não escondi nada... É um jornal

mal de modas... Mandeí fazer trez vestidos novos,
e isto de costureiras de provincia andam sempre
tão atrasadas! Ah! como me sinto feliz de estar
aqui!

= Antonia =

Mas então tu não nos vês todos os dias?

= Port^{le} =

Moramos cá no 1.^o andar!

= Carolina =

É exacto, mas hoje, não sei porque... ^{p 2} passando para
o meio d'elles | Precizo de os sentir em torno de mim...

Escola Superior de Teatro e Cinema
= Ant.^a =

Pois então, vamos lá conversar... Queres conver-
sar, Carolina? | Leva-a para o canapé. | e senta-se a 3

= Port.^{le} = 1

Como d'antes, quando eras pequenina. | Pega n'uma
^{fa meirinho} cadeira e vem sentar-se ao pé da filha. |

= Carolina = 2 sentada

| Sentando-se n'um pouco aos pés de sua mãe, que se sentou no

canopi | Ch. 'sim! as recordações de infancia, o tempo
das gentis bonecas... Papá! sabe? Tenho vontade de
brincar com uma boneca.'
= Port. ^{te} =

et parte | era sua idade! não é natural!
= Carolina =

E o nosso velho cão Lulii... lembra-se mamã?
Lembra-se do Lulii? quando a gente lhe pu-
nha um torrão de assucar no focinho, elle
fazia assim Hap!... Pobre Lulii! era tão meu
amigo, não era mamã?

Escola Superior de Teat. e Cinema
Todos eram teus amigos, m.^a querida filha.
= Port. ^{te} =

Tomando uma pitada | O que tem mais graça é que
esticou a carella no dia do teu casamento.
= Carolina =

Com um modo sombrio | Bem me lembro... que elle
não gostava nada do Sr. Jubinet!

= Port^{le} =

Não o podia ver.

= Carolina =

Estes animaes tem um instincto! Conhecem
perfeitamente quem os detesta, e o Sr. Julu-
net tem-lhes odio.. \ ^{e p^o}levanta-se \ Num dia d'estes
entrou na confeitaria um pobre cão errante;
era clarissimo para todos que o pobre animal
tinha fome e tinha sede. Que fez o Sr. meu
marido? deu-lhe um pontapé, e o pobre
animal saiu com as lagrimas nos olhos...

O Sr. Julinet provavelmente ^{quebrára-lhe} ~~quebrára-lhe~~ a
perna... Pois o que vale, o que é um cão para
certa classe d'homens? Num animal que se
justiga, um animal que se empota. O Sr. Ju-
linet empotou-o; fez muito bem; quem go-
verna aqui? é elle! \ Port^{le} levantou-se e levou a ca-
deira para ao pé da mesa pequena | 2.º f. |

^{lin}
= capit.^a = 3

\ Levantando-se | e tu ficaste callada ?

= Carolina = 2

Eu ! pois o que havia eu de dizer, m.^{te} mãe ?
Se ha gente que tem um júbilo selvagem, uma
voluptuosidade infinita em fazer mal aos
animaes. Parece que ha uma lei para reprimir
essa gente... mas não está em vigor em Orleans..
O Sr. jubinet bem o sabe... \ Passeia com agitação \
em compensação, adora os papagaios. ^{deixa de}
^{pa 1-m-6}

Escola Superior de Port^{le} = Cinema

e tambem te adora a ti, Carolina !

= Antonio = 1/1

\ Com insinuação e riudo collocar-se atraz da mesa pequena |
e dar-te bem feliz, não é verdade, Soló ?

= Carolina = 2

Feliz ? Sem duvida alguma; paga a' m.^{te} modis-
ta, paga aos meus fornecedores; quando eu es-

tou doente, vae-me chamar o medico; leva-me
ao theatro... Que mais quero eu? Orléans é uma cidade
de muito alegre; a rua do Martroy é uma rua encanta-
dora, adoravel, deliciosa; o horizonte um pouco limitado
talvez, mas que importa o horizonte! que importa o
campo? que importam as flores! Existem por acaso estas
coisas? ^{e p. a 3} Levantá-se, caminha pela casa, e respira largamente como uma
pessoa opprimida. Porteuville anda atraz d'ella. | - ella p. a 1

= Antonia = 2

(Aproximando-se da filha) Carolina, tu estás-mos a occultar al-
guma coisa.

= Porteuville =

Tu tens alguma coisa, Carolina!

= Carolina = 2

Eu? Ah! sim!... Affligi-os, não é verdade?

= Porteuville = 3

^{Pouca}
~~Tenho~~ vergonha! dar um homem cincoenta mil fran-
cos de dote a sua filha, pagar o jantar, pagar o licor
e bolos, pagar a muxica, pagar todas as despesas, e a

sua filha afinal não ser feliz e acertar com um maro,
tô d'estes e' triste!

= Carolina =

Mas quem foi que disse semelhante coisa? Olhe que
se engana, meu pae.

= Antonia =

jura-nos que és feliz.

= Carolina =

juro-lhe que sou feliz... já! Olhe, pois não vê, não
vê como eu rio? (Enxuga os olhos.)

= Antonia =

Não ris tal, choras, e' o que tu fares, à parte! O Sature,
mino adivinhava tudo!

= Jubinet = F.D.,

(Dentro) (arrangem a alchobora coberta, e isso depressa!

= Antonia =

Jubinet!

= Porteuville =

O meu genro!

= Carolina =

Meu marido! nem uma palavra diante d'elle...

Não lhe digam nada! Meu pae! juro-lhe que sou pobre!
(Julinet entra pelo F.D.; vem todo cheio de lama.) A. p. a B

Scena 4^a
Os mesmos, e Julinet.
= Julinet =

(Sacudindo o chapéu molhado, e prondendo-o em cima do piano.) Que Diabo
de tempo! estou ensopado até aos ossos... e hei de ter a
ponta do nariz vermelha? O meu sogro, veja lá;
eu não tenho a ponta do nariz vermelha! Viva, mã
mã, como vai essa bisarria! Adeus m.^{ra} Loli; adeus
m.^{ra} querida mulherzinha. (Dá-lhe um beijo.)

= Carolina =

(Fingindo-se muito obsequiosa.) Boas tardes, meu amigo! Oh!
meu Deus, mas porque não muda de gato?

= Julinet =

Eu tenho lá tempo! Então um confeitiro, em respo
ra de Anno Bom, tem lá tempo de mudar de gato!
que diria a marmellada! Depois eu tenho lá me

do! com a m.^a boa camizolla de flanelle.

= Antonia =

Ah! o Sr. ura flanelle!

= jubinet =

Côr de rosa! flanelle côr de rosa que é muito mais chic...
mais lizo, como diz o outro... Eu no principio do ca-
samento não me atrevia a vestir a camizolla, porque
na lua de mel sempre está a gente com mais ceri-
monias.

= Porteuville =

Então, segundo parece, Sr. meu genro, agora já não faz
cerimonia... Camizolla, etc.

= jubinet = p. 2

Podera! Camizolla para a frente!

= Carolina =

Já amanhã é dia de Anno Bom... É notarel!

= jubinet =

Orindo! Não sabias?

= Carolina = p. 3

Passando para junto de sua mãe! Não. Tenho de escrever a Lúcia.

a m.^a amiga de collegio. Dá licença, meu amigo,
dá licença que eu escreva?
= jubinet =

Se dou...

= Carolina =

Se o contrario, não escrevo, meu amigo... os seus dese-
jos são ordens!

= jubinet =

Não foi isso que eu disse!

= Carolina =

Ah! percebo! quer ler a m.^a carta? Pois não, pode lê-la,
pode até fazer-me depois o favor de a metter dentro
de um sobrescripto, sim? e de lhe pôr a estampilha.
Aqui está dinheiro! aqui está dinheiro para a estan-
pilha! ^W Põe o dinheiro sobre a borda da mesa. Movimento
de Porteuville!

= jubinet = p. 2

Então, Carolina...

= Carolina = p. 3

até amanhã, mamã... Dá-lhe um beijo; indo ao pai
até amanhã, papá... meu bom, meu digno pai!

Dá-lhe um beijo | Durmam bem ambos! é tão bom
dormir! o sono é o thesouro do pobre. ^{passando ou}
tra vez ao pé da mãe | Vou escrever a Leonia. ^{pare} jubinet |
Não se esqueça da estampilha, sim? o dinheiro está
ali... em cima da mesa...
- jubinet =

Lorrindo-se sem perceber | Bem cejo.
- Carolina =

Ah! não se range meu amigo! Diante de meu pai,
diante de m.^a mãe, é inútil, é perfeitamente inú-
til | ^{aparte} pondo a mão no peito | Dae-me coragem, meu Deus!
Entra no quarto a ^{2.^a} Porteuville ^{mtu} acompanha-a até á porta |

Scena 5.^a
Antonia, Porteuville, jubinet, depois Julieta.

- jubinet =

Espantado | Mas que diabo tem ella? ^{deme!}
- Porteuville =

Deus do Céu! Agora é que se faz a luz no meu es-
pirito!

- Antonia = ^{1.^a}
Estoirando, e passando junto de jubinet | Assim este homem, depois

de ter recebido cincoenta mil francos de dote, recusa...
recusa uma rede estampilha a sua esposa!

= jubinet = }

Hein?

= Antonia =

Nem a deixo escrever a sua amiga de infancia... a com-
panheira dos seus brinquedos... É infame! é infame!

= jubinet =

Eu não a deixo!

= Porteuville =

Agora sim! agora já compreendemos tudo.

Escola Superior de Cinema = jubinet =

O que é que comprehendem?

= Antonia =

O direito que até os prezos tem! o direito de se que-
rar!... nem esse quer que ella tenha! p 3

= jubinet =

Mas senhora...

= Antonia =

Para que é que você quer o dinheiro, seu pelintra?

Para pagar as suas extravagancias...
= Jubinet =

Quaes extravagancias?
= Antonia =

Talvez queira que nós imaginemos que essas mulhe-
res o amam de graça!..
= Jubinet =

\Berrando\ Mas quaes mulheres?
= Porteuville =

Não grite, Sr., e basta de cynismo! quando um
homem de bem contrahê o sacramento do ma-
trimonio, põe termo, Sr meu genro, põe termo
a ~~uma~~ existencia infame e aviltante; rompe pa-
ra todo o sempre com os seus habitos de orgia e
de devassidão!

= Jubinet =

Que está o Sr para ahí a dizer?
= Porteuville = p 2

\Dirigindo-se a sua mulher\ Ahí tem m.^a Sr.^a! Ahí
tem o resultado das suas exigencias!

= Antonia =

Das m^{as} exigencias!

= Porteuville =

Pois quem foi que exigio este casamento? Queria eu para genro? O filho de Taupier. E a Sm.^a o que disse: "Não, não! Jubinet é feio, não anda a atraz das mulheres; Jubinet é tolo, a Carolina é que o governa. Escolhe-se Jubinet! e foi Jubinet que se escolheu."

= Antonia =

Mas eu nunca disse semelhante coisa!

Escola Superior de Cinema = Porteuville =

Disse, sim Sm.^a!

= Antonia =

Eu, Jacyntho, pois tu dizes-me isso nas m^{as} barbas! Eu disse sempre, e disse-o alto e bom som, que este casamento era absurdo. Olhem para aquillo. Olhem para aquella cara! qual é a mulher que pode ser feliz com semelhante monstro? p. 7

= jubinet =

Mas com seiscentos macacos!...

= Portexville = p. 2

Sem fazer caso d'elle! Pois eu a primeira vez que o vi disse-te logo (lembrax-te bem): Este homem tem cara de quem se dá muito a bebida! Este homem é bebado!

Instituto Politécnico de Lisboa
= jubinet =

É esta!...

= Antonia =

Ná vespera do casamento disse-te eu d'esta maneira: "Toma cautella! olha que o jubinet é ridiculo, o jubinet não sabe dizer duas palavras, o jubinet veste-se que parece um criado! Mais cedo ou mais tarde a Carolina ha de se envergonhar de ter um marido assim... É quando uma mulher se envergonha do marido, ninguém sabe aonde isso vae parar!"

= jubinet =

Passando para o meio d'elles! Mas isto não tem geito nenhum...

= Antonia =

Olha-me bem para este typo! --
= Porteuville =

Veja esta cara, m.^a Srs.^a, veja esta cara onde os ences-
sos de todo o genero deixaram o seu ineptingui-
vel nodoa.

= Julinet =

Nma nodoa! Eu tenho nodoas na cara? E' co' figado

= Antonia = Lisboa

Mas deive estar que nós temos Código Civil Julinet,
impassientadissimo, passa a D. 7^a e 7^a
= Porteuville = 2

Escola Superior de Teatro e Cinema

Mm. código muito bom, muito completo, em que
ainda se está a trabalhar! E ha advogados em Franca,
Srs meu genro... e ha advogados em Franca.

= Antonia = p 2

E tribunaes em Orleans. 'Entendeu, Srs Julinet, ha
tribunaes em Orleans.'

= Julieta = D. A - a 2

Entrando | O Deus meu, que bulha! O que ha de novo?

3
- Antonia =

Ah! bem m.^a querida filha, a ti ao menos conserva-
mos-te ainda, e deves estar que te não casas, deves
estar que não has de ser sacrificada.

- Porteuville =

Has de ser tia... se te derem sobrinhos.

= Julieta =

A parte Ah! meu Deus! Baixo o Juliet (Que foi que tu
fizeste?

= Juliet =

Eu sei lá o que fiz! Não fiz nada! É que enfiádecaram
todos!

Escola Superior de Teatr - Antonia =

Agarrando-lhe pelo braço Não falles com esse homem, Julieta,
não falles com esse homem! Vai para o teu quarto!
Fecha-te a chave no teu quarto, meu querido anjo!
Não casas, não!

= Julieta =

A parte Não caso! É está! e então o meu primo Paulo!

- Antonia =

Felizmente o céu tem castigos para os monstros!

= Porteurville = p 2

E nós cá estamos... não lhe digo mais nada... nós cá
estamos no 1º andar!

= jubinet = p a' D

\A parte, melancolicamente\ Um arrendamento de dez annos!

= Porteurville =

Até breve. \ Os Srs. Porteurville saem furiosos pelo F. L. Julietz ^{FE}

vae para o seu quarto pelo D. ^{8.1}

Lena ^{8.2} 12 87
jubinet, depois Saturnino.

= jubinet =

\Lisinho, Depois d'um momento de silencio\ ellas que foi isto que lhes

deu. \ Senta-se a meza pequena. Entre abre-se a D. um dos batentes

da porta do F. Saturnino apparece, de physionomia radiante, e sempre

de livro debaixo do braço\

= Saturnino =

\Espregando as mãos\ Patrão vá lá baixo! Olhe! o chocolate
não caminha! Não ha cacau!

= jubinet =

Bonito! Não me faltava mais nada! Acabo de

ter uma scena terrivel com meu sogro e m.^{te} sogra, e
para cumulo de desventuras falta agora o cacau!

= Saturnino =

Bem sei! Eu estava alli por trar da porta; não entrei
para não ser indiscreto, mas ouvi um tiroteio de
palavras violentas, e as phrases acerbos a fulgurarem
rapidamente! ^{Passando á l., encostando-se á meze e sorrindo}

Padece muito, não é verdade?

= Juliet =

Estou como uma lúcha é que eu estou! Pois então
eu caso para ter socego! ^{Levantando-se} Sim porque eu
disse comigo quando casei: "Agora é que eu vou ter
socego." ^{Trina à D.}

= Saturnino =

^{Caminhando para elle} Bem sei! Ah! bem sei! os sonhos!
as illusões! Namoram-se as estrellas! salta-se para
o firmamento! e quando se nos parecia colher um
astro, o que se encontra nas mãos? Um papagaio!

= jubinet =²

(Sem perceber) Um papagaio. 'qual papagaio?'

= Saturnino =¹

(Batendo no livro) A sua situação está aqui!... está aqui textualmente... lê "O Duque de San-Luca, todo embebido na politica, não nascera para amar... Sonhava um ministerio....

= jubinet =

Quem?

= Saturnino =

(Friamente) San-Luca!

= jubinet =

Não conheço. (Senta-se na canapé) ei' D

= Saturnino =

Nem eu! (Continuando a ler) "Harie thesouros no coração da Duquesa Helena, mas esses thesouros não eram para elle. Por isso, a 17 de junho, ás dez horas da noite, debaixo dos salgueiros que se debruçam sobre o rio, enquanto o rouxinol soltava as suas notas

a' viração nocturna, a Duquesa Helena mordida,
soluçante, o seu lenço...

= jubinet =

\ Levantando-se e passando à l. | É sem cacau de mais a mais!

É então o chocolate está parado?

= Saturnino =

Está tudo parado, tudo... \ jubinet ^{se} torna a passar à D. \ Estas
scena continuadas de intima sizaia não-de-lhe
fazer abandonar o cuidado da sua casa... É a rui-
na... a banca rota... o suicidio talvez!...

= jubinet =

Salvo seja! É esta! não estou eu aqui a dar-lhe
ouvidos, ~~com~~ o chocolate a' espera... Vou ver se
o meu amigo Truffier me cede algum cacau...

\ ^{come esta sobre o piano} Pegar no chapéu | É o chamo Bom àmanhã... e m.^a
mulher com o nervoso! que vida! que vida! éfi!

= Saturnino =

O que foi?

= jubinet =

Uma caimbra de estomago! Podera! Pois se eu

não jantei ainda!
= Saturnino =

Chame a criada!
= gubinet =

Eu tenho lá tempo! Vou a casa do Truffier. Abotando-se Maldito cacau! São os nervos, são! não é outra coisa! Sae vivamente pelo F. D.

Scena 4^a
Saturnino e depois Paulo

Instituto Politécnico de Lisboa
= Saturnino =

Vae a casa de Truffier por causa do cacau! É ali está em que esse homem pensa! É feliz e eu. (Com fúria)
Sim, Carolina, eu amava-te na sombra, mas vejo elle... que tinha ouro! Nunca me has de amar, bem sei, mas amarás outro talher, e esse outro....

= Paulo =

Entrando pelo F. D. Traja á paizana, mas sentindo-se que é militar.

Grar um sacco de viagem na mão | Então esta casa está aberta?

Vae a mala em cima d'uma cadeira |

= Saturnino =

Elle: 'Correndo a Paulo' já o esperava.'

= Paulo =

Prindo! Saturnino.'

= Saturnino =

já o esperava!

= Paulo =

já me esperavas porque? Eu não avisei! 'Então que
é feito d'este meu novo primo que não conheço
ainda?

= Saturnino =

O jubinet? Foi ao cacau.'

= Paulo =

E o Sr. Porterville, e a mulher?

= Saturnino =

Cá estão em baixo! mergulhados ambos no sono
mais profundo.'

= Paulo =

As dez horas! Então a gente em Orleans recolhe-se
com as gallinhas?

= Saturnino =

Passando à E. Não! Estendendo a mão para o quarto de Carolina! Carolina

vela!

= Paulo =

M^{te} prima Carolina! Fazes favor de a ir chamar.

= Saturnino =

Favor, oh!... o favor é para mim! \ chega-se a Paulo e começa a sacudir-lhe as botas com o lenço.

= Paulo =

Que estás tu a fazer?

= Saturnino =

Estou reparando a desordem do seu traje... Quero que seja apresentável! Olha escova, ah! uma escova!

Pega uma escova de cima do piano, e põe-se a escovar Paulo!

= Paulo =

Olha que me fazes fazer!

= Saturnino =

O sol de Africa timou-o, mas gesto d'esse bigode ~~hai~~
~~no~~ n'esse rosto trigueiro. Retorcido, Sim, retorcido!

\ Dá-lhe gesto ao bigode |

= Paulo =

\ Passando á D. | Tu estás doído?

= Saturnino =

Não Sr, não estou doido! Vou avizar a Sr.^a \á par-
te \ Foi a fatalidade que arrojou este homem para
Orleans! o destino!... o destino! ~~Avanço~~ \ Sae pela E.!

Scena 8.^a
Paulo, depois Julieta, e Marianna. ~~Da~~

= Paulo =

Tem uma telha este rapaz!
= Julieta =

\Entrando pela D. com Marianna \ Meu primo!

= Paulo =

\Abraçando-a e beijando-a \ cto.^a querido Julieta!

= Marianna =

Sr Paulo!

= Julieta =

Por cá meu primo?

= Paulo =

Eu mesmo! Paulo Guibert, do 3.^o de caçadores!

= Marianna =

Que felicidade! Sempre a casa vai ficar mais alegre!

= Paulo =

O que aborrecia-se, priminha?

= Marianna =

Se lhe parece que é muito divertido para uma
menina ler todas as noites a gazeta dos Tribunaes
ao Sr. Portenille e á Sr.^a!

= Paulo =

Oh! coitada da priminha! \ beija-a |

= Julieta =

\ Suspirando | Ah! ~~Pr~~

= Marianna =

Fazer crochet todo o antissimo dia, e partar-se de
embrulhar pastilhas! 2

= Paulo =

Coitada da priminha! \ Beija-a |

= Julieta =

Primo, esteja quieto! já viram uma coisa assim?

= Marianna =

Ah! eu já sei! isto de militares são muito beijocadores.

= Paulo =

Se eu estou tão contente de me ver aqui!

= Julieta =

Para que saiu? Bem sei, envidiou-se, e não teve re-
medio senão sentar praça! Estreina!

= Paulo =

Ah! Julieta! estou muito mudado!

= Julieta =

Nós cá sabíamos noticias suas pelo cômico do
exercito! Já sei que foi nomeado 1º Sargento!

= Marianna =

Porque veio a' paizana, São Paulo? A menina havia
de gostar de o ver com as dividas.

= Paulo =

Já as não tenho... Tiraram-m'as.

= Julieta =

Porque?

= Paulo =

Eu lhe conto... o L. de Ruaros convidou-me a
jantar em Bliedak! Não podia dizer que não...
Fui! Demorei-me mais do que o tempo da licen-
ça. Quando voltei estava sem dividas...

= Julieta =

É o primo consentiu?

= Paulo =

Então que quer? Esqueceram-se de me pedir licença?

= Marianna =

É elle não podia deixar de acceitar o convite... que eu sei perfeitamente... os reuavos são muito susc= ceptiveis... e ciumentos... ai! menina!...

= Paulo =

Mandei ao diabo o uniforme e os Kabyilas... dei ho= mem por mim... As m.^{as} dividas estão pagas, e aqui estou eu para casar com a m.^a prima Julieta.

= Julieta =

Casar! isso sim! Fabe lá o que por cá vae!

= Paulo =

O que é? Querem vêr que também a casaram sem me pedir licença?

= Julieta =

Ah! isso não... mas o papá e a mamã....

= Paulo =

O que fazem elles?

= Julieta = senta-se e murmura

{chorando} Quererem que eu fuque para tia.

= Marianna =

Olhe! Sr. Paulo, aqui ha coisa! 'n'essa casa anda grande embulhada! 'Vera! O seu casamento não vae assim como imagina!

Instituto = Paulo = boa

Não vae? Pois hei de casar depois de amantão, dê por onde der, e se me forem chegar a mos-
tarda ao mariz, vou já d'aqui para a igreja! 'Ah!
temos inimigos! Pois então toca a reunir! 'Alliança
offensiva e defensiva! Formar columna cerrada
sobre o pelotão do centro... marche!

= Marianna =

{Escutando a l.} Silencio,ahi vem a Sr.^a! {Passa a D.}

= Julieta = bem

M.^a irmã?

= Paulo =

A prima Carolina? Essa hade ser por nós. Senta-
mos-lhe praca.

= Julieta =

Tenha prudencia. (Carolina sai do seu quarto a' E. precedida
por Saturnino que lhe indica Paulo.)

Acto 1.^o

Os mesmos. Carolina, Saturnino, depois Julieta.

= Carolina =

Entrando vivamente (allem primo Paulo! 'E' possível!')

= Paulo =

Estendendo-lhe a mão | Bons dias, prima!

= Carolina =

Passando para junto de Julieta | Elle em França, meu Deus!
elle em França!

= Saturnino =

Esta commoção! - teria eu adivinhado? ^{sobre}

= Carolina =

Dominando a sua commoção | E o primo tem passado sem

pre bem?

= Paulo =

Como vê, m.^a prima.

= Caroline =

\A parte\ Vivo! Pouparam-n'o os acasos da guerra.

= Juliet =

\Entrando pelo F.D.\ Marianna! Marianna. Depressa,
m.^a filha! Dá-me de ceiar! Estou a cair de fra-
queza!

= Marianna =

Lá vou, Sr.^s. \Sae pelo F.D.\

= Juliet =

\Vendo Paulo\ Olá! um estranho em m.^a casa!

= Paulo =

\Vendo\ Um ex-caçador de Africa!

= Carolina = p.³

Meu amigo, este Sr.^s é'...

= Juliet =

\Indo a Paulo\ Espera! espera! não me digas nada....

Caçador de Africa! já adivinhei! Boa noite, pri-
mo Paulo Gilbert! \Estende-lhe a mão\

= Paulo =

Boa noite, primo!

= Juliet =

(alegremente) Surriada que adivinhei... hi! hi! hi! (brisa)

= Paulo =

Podêra!

= Juliet =

O primo parece-me bom rapaz... caiu-me em
graca! não lhe digo mais nada! caiu-me
em graca!

= Marianna = ^{F.D.}

(Entrando com a ceia n'uma bandeja, que vai pôr em cima da

mera pequena) ^{Escola Superior de Teatro e Cinema} Aqui está a ceia, Sr.^{F.D.} (vai para o pé do fogão)

= Juliet = p.

(Indo para a mera) Ah! caiu mesmo do céu! Estou
com uma fome! primo, chega para dois! nada
de cerimônias! sente-se ahí!

= Paulo =

Obrigado! jantei na Estação d'Estampes!

= Carolina =

O primo hade precisar de descanso.

= jubinet =

Pois elle fica connosco, é claro! O Paulo, você fica connosco!

= Paulo =

Não, não... não quero incommodar-os! Vou para a hospedaria. ^{he a} Tome a pegar na mala.

= jubinet = ^{he a}

Não consinto! Paulo, dê cá a sua mala!

= Paulo =

Não quero, muito obrigado!

= jubinet =

Tirando-lhe a mala! Dê-me cá a sua mala! Ai! que nós temos bulha! Não faltava mais nada! o primo de m.^a mulher ir para a hospedaria! Saturnino!

= Saturnino =

Patrão?

= jubinet =

Leva este Sr. para o quarto azul! Dê-lhe a mala de Paulo!

= Paulo =

Pois já que tanto aperta, aceito e muito obrigado!

Carolina passa a' D.

= Julieta = h a' co D.

\A parte! Sempre fica!! Oh! que felicidade!

= Carolina =

De parte / É meu marido quem o obriga a ficar!

= jubinet =

Depressa, Marianna, accende una vela. ~~Depressa, Marianna, accende una vela.~~

= Marianna =

Chetendo Prompto! Nella 2a foglia, ~~era per la~~
~~la~~

= *Julius* =

Almoça-se ás dez... janta-se ás seis... Tirado isso, li-
berdade completa! ^{deve} libertas, libertatis! (ris-se)

= Paulo = amor

gravemente | Et une spiritus tuo. | gabinet ainda ri mais

-A parte/capitanei! Estou de portas a dentro!

= jubinet =

Olhando o relógio e indo a Julieta | Dez horas! | Para Julieta | Lá

manasinha, toca a fazer o'ó! Quem lhe deu li-
cença para estar levantada até tão tarde?

= Julieta =

(Brindo) Está bom! está bom! não ralhe! - sobre F. E.

= Marianne =

(Vendo a Carolina) A Sr.^a quer mais alguma coisa?

= Carolina =

Não, pode se ir embora.

= Saturnino =

(Segando na relva) Por aqui, Sr. Paulo! (indica a porta do F. E.)

= Paulo =

M.^{as} queridas primas! meu primo! - aperta a mão a
Jubinet!

= Jubinet =

Até amanhã!

= Paulo =

Até amanhã! (Paulo sai pelo F. E. precedido por Saturnino que
leva a mala e o castiçal, Julieta entra à D. com Marianne.)

Seme 1.^a
Jubinet, e Carolina.

= Jubinet =

Correndo á porta e gritando para os batedores | Olhe que se almoça ás dez horas! | Voltando para a scena | Parece muito bom rapaz este teu primo Paulo. Eu gosto assim de rapazes desembaracados! | Desdobra o guardanapo e senta-se á mesa.

= Carolina =

Pensativa á parte | O seu olhar tomou não sei que expressão de heroismo! Sente-se o homem que arriscou vinte vezes a vida nos campos da batalha! | Olhando para o marido. | Sempre queria ver o teu Jubinet, de espada em punho a perseguir os Arabes; havia de ser divertido! | Senta-se no canapé. | a D.

= Jubinet =

Todo entregue á ceia | Estou com uma fome! oh! que fome! | Corta | Pois se eu desde pela manhã que não metto na boca nem um nico de pão. Que remédio! ou se trabalha ou se não trabalha! Sabes,

Carolina, o Truppiet sempre me cedeu cacau!

= Carolina =

[Ironica] Cedeu?.. cacau?.. Ora! Estimo immenso
sabel-o... Também o Sr sempre tem alguma
boa noticia para me dar.

= Jubinet =

Podera! Estive em perigo de não ter chocolate. Deita
vinho no copo e bebe.

= Carolina =

Meu amigo...

= Jubinet =

O que é?

= Carolina =

Ai! Deus do Céu! meu bom amigo! sempre tem
um modo de beber!...

= Jubinet =

[De copo na mão] Eu tenho um modo de beber?

= Carolina =

Sim... quando bebe faz um barulho... ai! meu
Deus! é odioso! Fôz: Floc! floc! floc!

= jubinet =

Eu gago Floe?

= Carolina =

Não pode beber como toda a gente? Cuve-se da rua!

= jubinet =

Cra! isso é exaggero...

= Carolina =

Depois esse modo que tem de levantar o cotovello.

imita-o | Sabe que é uma coisa que irrita os ner-

vos das pessoas que estão a olhar para si! ^{de} Levanta-

ta-se | E depois, meu amigo, é falta de educação. Ah!

e então quando come, faz um barulho com o garfo

e com a faca. Devia-se emmendar, meu amigo,

devia-se emmendar, é bem fácil. Sobe e vai-se despen-

tear diante do espelho do fogão. ^(Floe)

= jubinet =

A parte | Está ainda um pouquinho nervosa! Bonito.

Então a Marianna não se esqueceu do sal! Levanta-

se e sobe | Tenho de lá ir a baixo! ora que massada!

Dirige-se a porta do F.D.

sobe 2

= Carolina =

Oh! meu Deus! que botas são essas?

= Juliet =

Que botas são estas? São as m^{as} botas!

= Carolina =

Pois sim! mas como ellas rangem! São botas de murica!

= Juliet =

Ah! já sei! é porque são novas... isto passa! Bate com o pé no chão umas poucas de vezes! Não de se costu^{mar} mar! Dure-se bater no soalho! Quem é que está a ba^{ter} ter para cima?

Escola Superior de Teatros e Cinema = Carolina =

Veramente! É m^ãe m^ãe, é m^ãe m^ãe que o Sr. accordeu!

= Juliet =

Ah! por causa das botas. Volta para ao pé da moza, muito devagarinho para não fazer bulha! Olha! assim já não rangem, mas hei de deixar este sapateiro, isso com certeza! Senta-se e continua a comer!

= Carolina =

Al parte! Oh! meu Deus! que existencia esta! e estou

amarrada por toda a vida a este homem! que abjis-
mo entre elle... e o outro. \ Suspira. Olhandi para jubinet \
Bonito! lá' torna a principiar o concerto do garfo
e da gaca. \ Solta os cabellos que lhe caem pelos hombros abaixo \

= Paulo =

Dentro cantando \ Um caçador da Africa,
um bravo militar,
^{resumo}
~~conserva~~ a vida toda
em combater e amar!

= Carolina =

\ Cominuída, á parte \ É a sua voz... sim! a sua voz varo-
nil e vibrante, que domina o silvo das balas e
o estrondo das batalhas. Dirige-se vacilante para o canapé ^{e senta-se}

= jubinet =

Lá' está o primo a cantar para conciliar o som-
no... Gosto d'aquelle rapaz! Não é nada de impres-
turas.

= Carolina =

\ Á parte \ É heide o ver agora todos os dias... a' mere!

hora do merca! Ah! Coe sentada no canapé!

= Juhinet =

Levantando-se assustado Que tens tu?

= Carolina =

Padeco horrivelmente!

= Juhinet =

Segando no chapéu Vou já chamar um medico...

= Carolina =

Não vás!...

= Juhinet =

Vou, de certo, ora essa! Vae a sair pelo F. D. |

Escola Superior de Teatros = Carolina =

Não é necessario, já te disse!

= Juhinet =

Pondo o chapéu em qualquer parte Sim! isso passa-te... tu tens estado hoje um pouquinho nervosa. Senta-se e continue a comer |

= Carolina =

Levantando-se de um pulo Ah! que é demais!

= Juliet =

O que é?

= Carolina =

Pois elle vê que estou moribunda! vê que estou passando
decendo torturas infernaes! e não se emvergonha
de comer batatas!

= Juliet =

Mas se eu não tenho comido nada todo o santissi-
mo dia!

= Carolina =

Devora-me um mal ignoto... e elle come batatas!

= Juliet =

Mas se eu não tenho comido nada todo o santissi-
mo dia!

= Caroline =

É esse o amor que me tem, não é verdade? Ah! o
que o Ihs quer é vêr-me na sepultura!

= Juliet =

Ora essa!

= Carolina =

Begando n'uma face! Mas n'esse peito de confeituro não me

pulsa um coração? Ande a roda de merra.

= Juliet =

Levantando-se | Carolina, larga a faca!

= Carolina =

Ah! eu estou nervosa!

= Juliet =

Carolina, larga a faca! | Procura fugir a Carolina que o perde
que, atirando as cadeiras e os pratos ao meio do chão.

= Carolina =

Mas agora! agora tenho eu defensores! | Chamando, mas
sem cessar de perseguir o marido | Socorro! Socorro! não me
hade torturar assim sem que me ajudem! Socor-
ro! O' da guarda!

= Juliet =

Eu torturar-te, Carolina! mas elle que vaes accor-
dar toda a gente!

= Carolina =

Socorro! Accudam! Miseravel! Ah! ah. | Cai desgrenha-

da e desmaiada no canapé. Abrem-se vivamente as portas do F.
Precipitam-se em scena, em fado de noite, Porteuville, a mulher e
Saturnino. Este não deixa de trazer o livro debaixo do braço; os Porteu-

ville vem pelo F. L., Saturnino pelo F. D. |

Scena 1.^a 78
Os mesmos, Porteuville, Antonia, Saturnino.

= Antonia =

Estes gritos! o que vem a ser isto! corre para a filha desmaiada!

= Porteuville =

A m.^a filha desmaiada! (Faz passar jubinet à E., enquanto Antonia prodigaliza socorros a Caroline imóvel.)

= Saturnino =

Com indignação! Ah! que infame! derastara-a pelos cabellos! (Porteuville solenne e indignado estende a mão para proteger a filha, jubinet embasbacado olha para todos sem saber o que hade dizer.)

Cae o pano.



Infeliz Carolina

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC
Acto 4.^o

Escola Superior de Teatro e Cinema

Acto 2.
A mesma scena. - Pleno dia.

1.
2.
3.
Sentado à D.
L. A.

Antonia, Tortenville, Saturnino, depois Marianna, depois
F.D. - 4 = jubinet, e depois Carolina.

Ao subir o panno, Saturnino, sentado no canapé, está imerso na
leitura dos Corações de ferro. Tortenville e Antonia entram no bico dos
pés pelo F. L. Antonia bate a porta da L. que se abre e em cujo limiar ap-
parece Marianna.

= Antonia =

\ Para Marianna | Então !

= Tortenville = Lisboa

Então ?

= Marianna =

A Lm.^a está-se a vestir.

= jubinet = Escola Superior de Teatro e Cinema

\ Que entrou pelo F.D. | Está mais socegada ?

= Marianna =

Está sim Lm... Agora mesmo acabou ella de almoçar
uma boa costeletta.

= Antonia =

Pobre menina !

= jubinet =

\ Satisfeito | Então é porque isso vai melhor. \ Ote. A. Descem. Ma =

rianna fecha a porta e desaparece. ^{3.ª} Juliet olha para os dois Cortemville
que estão muito mal encarados. Hum! a tribu dos Cortem-
ville não parece estar lá muito contente. Sobee e
vai-se ^{eu} por diante do fogão!

= Cortemville = 2

\Solemne\ Assim, um pai e uma mãe recolhem-se aos
seus aposentos, dispoem-se a apreciar as delicias
de um somno reparador...

= Antonia = 1

\Continuando\ Quando um barulho estranho lhe soou
aos ouvidos.

= Port =

Triam jurar que era uma lucta!

= Ant.ª =

Pallidos, e mal podendo ter-se em pé, sobem os de-
graus que os separam de sua filha em perigo.

= Port =

Batem com tremula mão...

= Ant.ª =

Abre-se a porta...

= Port =

É que espectáculo se offerece aos seus olhos?

= Jubinet = {Desce a 3.}

Eu já lhes digo... o espectáculo de uma terna espo-
sa que atira com pratos e garrafas á cara do marido.

= Port =

{Indignado} Utencílios de família que se transforma-
vam em armas defensivas, Sr., nas mãos da des-
graçada. {com força} Oh! Thenis para que tens tu um
gladio? {passa a 3.}

= Jubinet =

Mas com a breca! eu não fiz coisa nenhuma. {Gri-
tando} Eu faço m.^a mulher feliz... faço-a até excessi-
vamente feliz!

= Port =

O Sr. ? Pergunte a este fiel servo {Faz levantar Satur-
nino, e fal-o passar para junto de Jubinet}

= Jubinet =

Pois está dito... Saturnino, vamos a saber, eu sou
algum tyranno?

Não sei, Sr.; o que sei é que ella... sofre!

= Juliet =

Furioso | Ah! tu também? Pois apronta. ^{S. p. 4} | atira-lhe um pontapé |

= Saturnino =

Tomando a abrir o livro, e lendo | "O Duque flagellava as faces
de Fabiano... mas Fabiano lembrou-se do Duqueza
Helena, devorou a apronta e sahio. Mette o livro de-
baixo do braço, e sae pelo F.D. |

= Port =

com amargura | já vê que até elle o condemna.

= Juliet = p. 5.

É de uma pessoa se deitar da janella abaixo. | sae á ja-
nella | ^{D. B.}
Escola Superior de Teatro e Cinema

= Art.ª =

Pois não! Para fazer escandalo, ^{p. 2.} não é verdade?

= Port = 1

Agora, quer amarrar o nosso nome honrado no
pelourinho da opinião publica! então lhe falta-
va mais nada! Tome á E. |

= Carolina = a 2.ª.ª.

\Entrando pela 2.ª e correndo a Port. | Suspendo, meu pae. | com
bondade, designando jubinet | Talvez não seja elle o unico
culpado.

= jubinet =⁴

valha-nos ao menos isto!
= Ant.ª = 3

\Apertando a filha ao peito | Nobre menina! coração de oi-
ro! accusa-se para o salvar!
= jubinet =

Ah! com a breca, sabem que mais? Vou dar uma
volta ^(sobe) \vae a sair | D. F.
= Caroline =

Não o deixo ^{sobe a 3} \Espera, Basimiro.
= jubinet =

Perdão... é que a alobora está a espera...

= Carolina =

\com dignidade | Alobora que espere | carregando | Tenho
que lhe fallar. ^{deseja a 2} \collocando-se entre Port. e Ant.ª | M.ª.ª. bôa
mãe, meu querido pae, deixem-me agora... sim?

= Ant.^a =

{ Assustada } Loirinha com elle?

= Carolina = sobre com a mãe a E. F.

E' indispensavel, m.^a mãe... { Julinet senta-se no canape } à D.

= Port =

Está bom, vamos-nos embora... mas... { para Julinet
com expressão } Mas não vamos para longe. { Port. e Ant.^a
saem pelo F. L. } E. F.

Instituto Politécnico de Lisboa
= Julinet = { lev. e p. 1. }

{ Levanta-se em quanto Carolina acompanha os paes, com amargura } E a-
qui está a vida de familia! Bem diz o refrão: casa-
mento, apartamento... { vende Carolina que desce } { desce a 2. } m.^a mu-
lher!.. cuidado! { senta-se à E. }

Scena 4.^a
Carolina, Julinet, depois Port. e Ant.^a

= Carolina =

{ Immersa nos seus pensamentos, desce até ao proscenio. De subito e com voz
surda } O' virtude, sustenta-me! Sim... sim! heide

cumprir o meu dever. { Andando para um lado e para outro,
arranjando tudo a torto e a direito. } p. 1 e logo a 2.

= Juliet =

Que estás tu a fazer?

= Carolina =

Bem ver, meu amigo, estou tratando da vida da casa.

\ Percorrendo o theatro ^{sobre} a 2 acabando em 1. | D'aqui por diante
não consentirei que velem pelo teu bem estar uns
simples mercenários! hei de ser eu, eu só! estarei
ao teu lado de dia e de noite, obsequiosa, attenta...
servir-te hei de joelhos. \ Voe o tinteiro e o mata-borrão
que está sobre o fogão, em cima da mesa pequena \ a 8.

= Juliet = 2

Escola Superior de Teatro e Cinema

Não quero... em primeiro lugar, porque de joelhos é
muito incommodo.

= Carolina =

\ Muito agitada passando a 2 | Ah! como eu vou cuidar
da tua querida saúde... Tenho-a abandonado mu-
to... bem sei! Padecias, e eu, que cegueira! nada
via! e padeces agora também, não é verdade?
Eu não!

= Juliet =

= Carolina =

As tuas pobres mãos estão geladas, tens frio! \atirando
com elle para a cadeira que está ao pé do fogo | Senta-te aqui, ao
pé do lume! \Cobrindo-o com as almofadas do canapé | Estás
assim bem?

= Juliet =

\Gritando\ Não, que me afogas! \abrem-se as portas do F.
precipitam-se em scena Port. e Ant.^a |
= Port. = 4

\Entrando pelo F.D. | Carolina!

= Antonia = 1

\Entrando pelo F. L. | Que está elle a fazer, m.^a filha?

= Juliet =

\A parte | Então elles estão mettidos nas paredes?

= Carolina =

Deixem-me só com o meu esposo! \p.a. | Pois
o meu lugar não é ao seu lado?

= Ant.^a =

Obedeco, mas nada temas, que vela por ti o olho

paternal de tua mãe!
= Port =

E eu também velo! \ Desaparecem pelas mesmas portas, am=
hos. Tornam-se a fechar as portas!
= Carolina =

\ Incostando-se ao espaldar de cadeira de gubinet | G. J. Meu
amigo, matas-te com trabalho... Precisas de distrac=
ção, de exercício... Quero que saias todas as noites...
que vás ao theatro, e, quando voltares para casa,
heide voar ao teu encontro, com os teus chinel=
los n'uma das mãos, e o teu roupão na outra...
Tudo por ti! \ com ternura | A'partida um sorriso,
um beijo á volta. \ De repente, com desespero e repellindo!

* Bruscamente gubinet que principiava a prestar-se com a me=
xima complacencia á sua ternura | Vae-te d'aqui para fó=
ra! Eu bem sinto, ó meu Deus, que não será ma=
da d'isto que hade encher o vacuo da m.^a alma!
Dizendo estas palavras para a 2.^a |
= gubinet = 1

\ Que deu um pulo prodigioso, levantando-se | Ah! vou avisar a fa=
te

milia \vae para sair\ - Carolina = \Sobe &

\Gritando\ Casimiro! 'não me deixes, espera, espera um pouco!

= jubinet =

O que queres tu que eu espere?

= Carolina =

\Com lagrimas\ Se eu mesma o não sei. \p. 2 1\

= jubinet =

\Aparte\ Está doida! não ha que ver!

= Carolina =

\Aparte\ Pois este desgraçado não fará vibrar na m.^a alma uma corda, uma corda só, uma pequenina corda, um corda d'este tamanho, e comtudo, \p. 2 2\ o meu Deus, eu bem sinto que é urgente. \Aparte

te com força\ Ah! se eu pudesse ter ciúmes! vá! um ultimo esforço! \alto\ Casimiro!

= jubinet = a 1

\Dirigindo-se para ella\ Ch.^a querida amiga!

= Carolina =

\Sentando-se no canapé\ Dize-me: era realmente for-

mosa a pobre donzella que abandonaste, que atraí-
coaste por m.^a causa?
= jubinet =

\Budicamente\ Eu nunca atraícoei donzellas, m.^a Lu.^a,
faca favor de me não injuriar.
= Carolina =

Nunca atraícoei? O que faria então no seu tempo.
Perava as contas?
= jubinet =

Sempre fui pacato!
= Caroline =

\Amargamente\ O que! pois nunca teve um namorado?
uma aventura?
= jubinet =

Nunca.... \Carando\ Espera... tive, tive!
= Carolina =

\levantando-se vivamente\ Já vês...
= jubinet =

\com ufania\ E posso até dizer que foi a historia mais
extraordinaria...
= Carolina = p. 1

\offegante\ Sim! \á parte\ Ah! se elle fizesse vibrar a

corda. \alto\ Fala, meu amigo, fala. Diga-me
tudo não receies entrar em quasquer particulari-
dades. ^(sentam-se C. J.) Torna a sentar-se no canape, e faz sentar Juliet ao seu
lado |

= Juliet =

Era no boulevard Pigalle! uma costureira, uma de-
liciosa costureira em toda a sua flor!! quince a
derroito primaveras! um vestido de chita, e uma
touca. ~~de fitas~~ uma touca de fitas côr de rosa. Es-
tava a chover, e ella então arregaçara um peucocchi-
nho o vestido, deipando ver umas botina côr de
berouro, e uma meia branca a desenhos a perna!
um anjo emfim, um anjo que era modista por
força! Senti uma vertigem. Disse comigo: Hei-
de saber o nome d'esta mulher... e corri astrar
d'ella. ^{ou} \levanta-se |

= Carolina =

\Al parte\ Oh! que felicidade! já me não parece tão
embirante. \alto levantando-se\ E depois? e depois?

= jubinet =

\com faturidade\ Eu lhe conto. \continuando\ Ella vai an-
dando, e eu a mesma coisa; ella apressa o passo,
e eu alargo as pernas. Ella corre, eu vôo. Assim
fomos até aos Invalidos! Eu apanhava umas
calças, mas não me importava. Já na estrada
do crime...

= Carolina =

\Que tem pressa de saber o fim\ Bem sei! nos Invalidos.

= jubinete =

Ella entra para uma casa, eu encosto-me a um
portão... Espero uma hora... Estava perfeitamen-
te um ponto.

= Carolina =

Pobre amigo!

= jubinet =

do cabo de uma hora, prencipiei a reflectir... Disse
comigo: Isto de conquistas, tem a gente de lhes
dar de jantar, de as levar ao theatro, de lhes pa-

gar trem. jantar vinte francos... theatro ser... car-
ruagem, depois da meia noite, trez francos... trin-
ta e trez francos, hein? Pois não, hi! hi! hi... sal-
ta para um omnibus... e safo-me... e apeio-me
no boulevard. Quem havia de dar um careção
havia de ser a pequena, hein? Pois foi esta a m.^a
aventura! Nunca tive mais nenhuma.

Instituto = Carolina =

Com voz surda! Nunca?

= julinet =

Estendendo a mão! Nunca. (Ternamente) Reservei para
a m.^a esposa o primeiro balbuciar do meu coração
juvenil.

= Carolina =

Sim! eu também sempre imaginei! Para julinet,
com amargura! Então, o Sr. nada me sacrificou?

= julinet =

Espantado! Hein?

= Carolina =

Para alcançar o meu affecto, não pisou aos pés

nem um só coração! não queimou coisa algu=
ma no altar do hyminau? nem uma corda, nem
uma fita, nem uns cabellos sequer?
= jubinet =

Atordado! Pois se eu não tinha!
= Carolina =

Nobrememente! Mas devia ter!
= jubinet =

Oh! Sr.^a! eu parece que não estou acordado!
= Carolina = (Desse é ev. E.)

Muito agitado, e com desespero! Nunca houve quem o
amasse! como heide eu amal-o?
= jubinet =

Aparte! Que diz ella?
= Carolina =

Digo, Sr., que já não tenho forças para a lucta.
= jubinet =

Qual lucta? Explique-se, m.^a Sr.^a!
= Carolina =

Desvairada! Sim, sim! hade saber tudo! porque

isto assim não é viver... mas seja bem! este segredo terrível hade ficar entre nós. Uma só palavra a meu pae, uma syllaba a m.^{te} mãe, e juro-lhe | ~~que~~ fazendo o gesto de se apunhalar | que o vou esperar no céu.

= Jubinet =

A parte | Agora temos suicidio?

= Carolina =

Casimiro, este momento é solenne. | com force e mo-
trando-lhe um livro que tira do algibeira | Já leu a "Crise"?

= Jubinet =

Que vem isso a ser?

Escola Superior de Teatros = Carolina =

Senta-se é mera pequena | a. b. | Eu lhe digo.

= Jubinet =

A parte | Então esta casa afinal de contas é um gabinete de leitura?

= Carolina =

lendo | "A crise é uma doença mortal, que espera as mulheres, por mais honestas que sejam, no limiar da maternidade... Botando no livro com exalta-

cão | Páginas 46, São Júbilet, páginas 46.

= Júbilet =

Então ?

= Carolina =

Tragicamente | Oica... | lendo | "A maior parte das mu-
lheres passam a vida a arrancar fructos, verdes
ou maduros, á velha arvore que a nossa mãe
lwa estreitou."

= Júbilet =

Mas isso é uma macieira.

= Carolina =

É sim São ! (continuando) "É tal é o attractivo do
fructo amaldiçoado que as mulheres mais ho-
nestas não se podem resignar a morrer sem lhe
cravar o dente, ao menos uma vez." fecha o livro.

que deipa ficar em cima da mere.

= Júbilet =

Hein ?

= Carolina =

(Comforea) Pois, Basimiro, este desejo de trincar cha-
te

Ma-se a crise das mulheres honestas. (levantando-se)
Chate-me, se quizer, mas n'essa crise é que eu
estou.

= Jubinet =

(Com um grito) Ah!

= Carolina = (P. a 2.)

E agora a sociedade que me atire a primeira pe-
dra! importa-me bem!... quer ella saber por aca-
so o que nós padecemos, nós outras, miseras mu-
lheres? Estão servidos! a sociedade passa e vae
ver... vae ver a Sr.^a Angot. (com amargura) Oh!
a humanidade! que farça a humanidade!

= Jubinet =

(Passando com agitação) Mas isto é abominavel!

= Carolina =

Quem o sabe melhor do que eu, Sr. Jubinet?
Quida que não luctei? Para combater o demo-
nio, que se queria apoderar de mim, fiz prodi-
gios, Sr. Jubinet; para apagar o volcão que refer-

via cá dentro pisei com os pés descalços a areia
humedecida, e sabe o que apantei?

= Juhinet =

Nm defluço!

= Caroline =

\Amarga\ Talvez! Ah! meu amigo, sinto a cada ins-
tante que a sua companhia se me vai tornan-
do insuportável, sinto que me é impossível des-
cer consigo o rio da vida. \com dor profunda\ Casi-
mro, mal sabe o que eu tenho padecido.

= Juhinet =

\Meio idiota\ Mas isto é abominável!

= Caroline =

\N'um tom seismador\ Quando olhava para mim, Juh-
inet, com esse sorriso parco que lhe é habitual,
quantas vezes eu disse consigo, suspirando: "Ah!
se eu não fosse mulher d'este homem!"

= Juhinet =

Hein?

= Carolina =

Podia casar com outro!

= Juliet =

Oh!

= Carolina =

\Com humilhação\ Este pensamento é reprehensível, bem sei,
e longe de mim a idea de quer que me agradeça!

= Juliet =

\Rindo convulsivamente\ Sim, ao menos! Valha nos isso!

= Carolina =

Limito-me apenas a referir a verdade!

= Juliet = p. a 2.

Pois o que eu digo, sim, o que eu digo é que isto é
abominavel.

= Caroline = 1.

\Animando-se\ Não tem ainda eu podia luctar, porque
estava longe d'elle.

= Juliet =

Elle quem?

= Caroline =

Mas voltou afigural!

= Juhinet =

Quem é que voltou?

= Carolina =

É tenho a cada instante diante dos olhos, o seu fino
bigode, e nos surridos o timbre vencedor das suas es-
poras.

= Juhinet =

[furioso] Ah! que é o caçador a cavallo!'

= Carolina =

[Scismadora] É tão bonito, não é?'

= Juhinet =

[meio doido] Oh! desgraçada, mas tu o que estás é na pri-
meira estação da infidelidade.

= Carolina =

Não estou... perdi o comboio.

= Juhinet =

Isso estão a portar a cada instante!'

= Carolina =

Bem sei, e foi o que me levou a vir dizer-lhe tu-
do, porque eu sou uma mulher honesta. Quero
conservar intacto o nome ridiculo que recebi

de meu marido, e com elle contei para me prote-
ger, para me defender. \com exaltação\ Gasimiro, só em
ti tenho esperanças. 'salva-me d'elle! salva-me
de mim propria. \lança-se-lhe nos braços.

= jubinet =

O meu Deus, que hei de eu fazer. \com um grito\
já sei. \p.a l. como esgrimindo\ Vou matá-lo! \mudon-
do de tom\ É se fôr elle que me matar a mim. 'Nada.'
vamos a descobrir outra coisa. \ouve-se a voz de Paulo.

= Carolina =

\com terror\ É elle! Reconheci-lhe o passo! Olha, vê
como me bate o coração. \Bega-lhe na mão e leva-a ao
coração.

= jubinet =

\revoltado\ Mas isto não tem nome.

= Carolina =

\como inspirada\ Há só um meio! \com esforço\ Tira-se el-
le embora... Éerei eu mesma que lhe direi que
parta.

= Juhinet =

Tu ?

= Caroline =

Sim... digo-lhe que o quarto é humido, que é ca-
paz de lhe fazer rheumatismo, eu sei... \indicando
a porta de D. \ Vá tu para aquelle gabinete... D'alli ou-
verás tudo... Escuta bem, Basimiro... não percas
uma palavra do que se disser n'esta sala, e ve-
rás que podes ufamar-te da tua Carolina. !

\Empurra-o para a porta \ D. A. fazendo passar a 2. \

= Juhinet = 2.

Não digo o contrario... mas aqui para nós, oha
que esta m.^a situação está sendo muito pou-
co divertida.

= Caroline = 1.

Já o digo... depressa, meu amigo... entra para ali.

\Juhinet, sempre empurrado por ella entra para a D. A. \

1. Scena 3.^a
Caroline, depois Paulo. E. F.

= Carolina =

(A parte) Vámos, coragem! (Vae sentar-se ao pé da meza pequena ^{a E.})

= Paulo =

(Entrando pela E. F. Traz um copesinho que põe em cima do fogão) Cá está ella! Bom! não ha remedio! vou queimar os parvos. (Sentindo o barulho da porta que se fecha depois de Paulo entrar, Carolina voltou-se.)

= Carolina =

(A parte) É'elle!

= Paulo = 2.

(Vindo para ella) Está só priminha?

= Carolina = 1.

Estou.

= Paulo =

Felizmente! é verdade, seu marido anda-lhe sempre agarrado ás saias, de forma que nem uma pessoa pode dizer o que tem no coração. (Vae buscar uma cadeira ao F., e senta-se por traz da meza pequena á D. de Carolina.)

= Carolina =

Como?

= Paulo =

Carolina! tem nas suas mãos a m.^a felicidade.

= Carolina =

A sua felicidade?

= Paulo =

M.^a querida prima, confesso que tenho sido um
estroina, um patife! mas fui-o só até ao dia
em que encontrei no meu caminho a única
mulher que eu deveras podia amar.

= Carolina =

[A parte! com uma emoção crescente] Que diz elle?

= Paulo =

Tinha-nos separado um destino fatal; mas eu já
então a amava; passaram meses e eu continuei
a amá-la, voltei, e ainda a amo!

= Carolina =

[A parte] Oh! me! [Baixo] Mais baixo, primo, mais
baixo. [Olha para o quarto onde está Juliet.]

= Paulo =

[Levantando-se e olhando em torno de si] Porque? Ah! o tio

e a tia! já sei que são contra mim... estou prevenido.

= Carolina = (levanta-se)

Mas enfim... essa mulher?

= Paulo =

Nada ha que possa separar-nos, é ella o meu presente, o meu futuro, e, emquanto ao meu passado, essas reliquias da m^{te} emamorada mocidade... aqui estão todas, queime-as a primeira. (Lobe, pega no cofre que traria quando entrou)

= Caroline = (Lobe)

(Indo ter com elle ao pé do fogão) Eu?

= Paulo =

Vê? é um cofre cheio o tumulto dos meus vinte annos. Vamos fazer em todas estas recordações um magnifico auto de fé. (Senta-se à D. do fogão, e abre o cofre)

= Carolina =

(Com enthusiasmo, à parte) Isto sim! isto é que é homem!

= Paulo =

Tirando à medida que vai fallando, varios objectos que entrega a Caro-

Uma que os vai deitando ao lume | as cartas de Hadouja...
uma formosa Moura... cabellos de dika, uma ju-
dia de Argel! e bordados... e lenços! Queime, quei-
me tudo, m^{te} querida Carolina!
= Carolina =

(A parte) Que amor que elle me tem!
= Paulo =

(Levantando-se, e tornando a pôr o copre em cima da fogão) Tudo
fumo e cinza! Morreu o amante, fica o marido.
= Carolina =

(Espantada) O marido!
= Paulo =

Como, adoro sua irmã Julieta, e tenho a honra
de lhe pedir a sua mão.
= Carolina =

(Cambaleando) Julieta!
= Paulo =

Facto! Eu amo-a! ella ama-me! nós nos ama-
mos!

= Carolina =
(A parte) Ah! comprehendendo agora todas as vertigens

do abjismo. \ Passe a 2. | - Paulo -

Querida Carolina, acha excellente a m.^a escolha, não
é verdade?

- Carolina -

Oh! se acho!

- Paulo -

Advogue a nossa causa, m.^a querida prima, e se-
remos dois a adorar-a... \ Soe pela l. F. |

Acto 4.^o

Carolina, depois jubinet, depois Marianna
e Saturnino.

- Carolina - \ soe |

Depois de ficar só, passa as mãos pela testa, e chama com voz forte | Casimiro!

Casimiro!

= jubinet =

\ saindo da D. A. a 1 | m.^a querida amiga!

- Carolina - 2.

Está satisfeito? já vê que triumphou!

= jubinet =

\ Sem perceber | Triumphei? Não sabia... Ali não se

ouve nada...

= Carolina =

Não ouviu nada?

= Juliet =

Nada absolutamente. (Com curiosidade) E então?

= Carolina =

Quer saber tudo?

= Juliet =

(Assustado) Mau! Houve ameaça!

= Carolina =

(Lançando-se nos braços de Juliet.) Meu amigo! Paulo ama outra!

= Juliet =

(com satisfação) Sim?... Pois parece que estimo deveras!

= Carolina =

(Com amargura) Ah! já é ser cruel! (passa a l.)

= Juliet =

(Rangado) Já é ~~ser~~ ser mamoradeira, digo eu.

= Carolina =

(Sem o ouvir e com raiva) Ah Julia! (Brinda convulsamente)

Ah! ah! ah! como eu passo a odiar esta doce crea-

ca! Sinto serpentes no meu seio! Tenho aqui as Eumé-
nides. \ passe a 2. \

= Juliet =

\ Assustado \ Carolina! Carolina!

= Carolina =

\ Com horror \ Sou rival de m.^{te} irmã! \ com desvario pas-
sando a 1. \ Mas isto não pode ser! não quero! não quero!

Oh! a crise, a crise! \ Sacudindo Juliet \ Mas acense-
lhe-me, onde... O Sr. é que tem obrigação de me
salvar! Diga que hei de eu fazer?
= Juliet =

Ora effe! casat-os!

= Carolina =

\ Com alegria \ Sim, sim, é o unico meio. \ Saltando ao pes-
coço de Casimiro \ Ah! Casimiro, és o meu anjo bom!

= Juliet =

Até que engim!

= Carolina = \ Fazendo-o passar a 1. \

\ Empurro-o para a mere pequena \ á 2. \ Depressa! escreva ahí
duas palavras ao tabelião de nossa família, a.

esse miseravel que redigio as escripturas do nosso
casamento.

= Julinet =

Miseravel!

= Carolina =

Perdõe, meu amigo, perdõe-me que me hei de cos-
tumar... \ Julinet senta-se a escrever \ Diga-lhe que ve-
nha logo á tarde, que venha logo á noite... seja
quando fôr!... \ Passeiando com agitação \ Eu mesma as-
signarei, como testemunha, as escripturas, a m.^{ca}
mão tremula cingirá a fronte da m.^{ca} rival com
a alva corôa das desposadas. \ Com dôr \ O implaca-
vel virtude! que sacrificios nos impões!

= Julinet =

\ Reverendo \ "P. S. Traga tudo quanto é necessario para
um bom casamento."

= Carolina =

\ Precipitando-se de subito para Julinet, e arrancando-lhe a carta que
atira ao lume ^{\ sohe \} Não! não! contei demasiadamente com

as m^{as} forças! não quero que se realise esse odioso
hyminneu!

= Juliet =

\Levantando-se vivamente\ Torna a principiar a brinca-
deira?

= Caroline = \Desce\

Ah! meu amigo que heide eu fazer? Se eu sinto
que os repiques do seu casamento seriam os meus
dobres funerarios, e tu não queres, de certo, ouvir
os dobres funerarios da tua pobre Carolina!

= Juliet =

\Com a cabeça perdida\ Oh! na m^a posição! nem já sei o
que quero, nem o que não quero. \Passa o 2.\

= Carolina =

\Com um grito\ Ah! foi uma inspiração do céu! \Vae
ao fogão e busca por um cordão de campainha\

= Juliet =

Temos outra!

= Caroline =

\Tocando\ já que não sabe arrancar-me a este perigo,

eu tratarei de lhe fugir.
= Juliet =

Com elle?
= Caroline =

(Com dignidade) O Sr. está-me insultando! (com dor pro-
funda) Bem sabe que sou uma mulher honesta...

(Marianne entra pela F. E., e Saturnino pela F. D.) (Marianne,
Saturnino, o Sr. e eu vamos viajar.

= Saturnino = M. C. J. S.

viajar!

= Caroline =

Tragam-lhe o casaco de peles, as botas de viagem. De-
pressa. (Marianne e Saturnino saem pela F. A.)

= Juliet =

(Espantada) Mas que queres tu fazer?
= Carolina =

Quero pôr entre mim e elle a extensão do Oceano.

= Juliet =

(Estupefacto) atravessar os mares! (Marianne e Saturnino, vol-
tam trazendo fardos de viagem, de homem e senhora) S. M. C. J.

= Caroline =

Não perdamos um instante! \Para Juliet.\ Depressa,
vista-se!

= Juliet =

Queres que eu me vista?

= Saturnino = \Passando 3.\

Sim Sr, vista-se, ande. \Enfia a Juliet um casaco
de pelles, depois faz-o sentar no canapé, e calça-lhe umas botas
também debruadas de pelles; Juliet cede a tudo machinalmente.

= Carolina =

Este casaco... essas botas... parece-me, meu amigo, que
não hade ter frio a bordo. \Dá-lhe um bonet de viagem.\

= Juliet =

\Atarantado\ A bordo? a bordo de que! O' Carolina, o que
queres tu fazer? \Marianna que dá a Carolina um chapéo
e uma capa, sai pelo F.D.\

= Carolina =

Eu arranho-me depressa. O meu chapéo! \Põe o chapéo\

A m^a capa de viagem! \Põe-a precipitadamente aos
hombrós\ Estou prompta!

= Jubinet = \ Passando a l.]

\ Levantando-se, e gritando \ Eu não quero ir correr as sete
partidas do mundo! \ Saturnino põe-lhe debaixo do braço
uma mala e um sacco de noite!
= Carolina =

E' indispensavel! vamos ao Spitzberg, ao Japão, à
Laponia; aonde quizer.
= Jubinet =

\ Gaspard \ Mas eu não posso viajar... sou confeitiro
tenho um estabelecimento. \ Passa a l.]
= Caroline =

\ Calçando as luvas \ Vende-se!
= Jubinet =

Isso é a ruína infallivel.
= Carolina =

A ruína! Que importa! Com tanto que recupere-
mos a felicidade e o descanso! \ com dor \ O Paulo
Paulo! \ Branco para Jubinet \ Se o levássemos connosco?
= Jubinet =

\ Dando um pulo formidavel \ Oh!

= Carolina =

\Baixo| então, não! foi uma loucura! uma última
revolta d'este coração ulcerado! acabou-se... mas
n'esse caso partamos. Venha! venha. \Quer arras-
tar-o consigo, n'isto Antonia entra pelo F.E., e Portenville
pelo F.D. |

Scene 5^a

Os mesmos, Portenville, Antonia, depois Julieta.
F.D. a 4 F.E. a 1.

= Portenville =

\Com um grito| Que vejo!
= Antonia =

Mascaras!

= Portenville =

O meu genro e a m.^a filha disparados em urso!
o que significa? \vaca 2 | Julieta entra pela D.A. e corre a sua mãe |

= Carolina =

\Furibmente| É meu marido que deseja abandonar a
Europa. \pense a 3. |

= Antonia =

A Europa!

= Carolina =

E partimos agora mesmo!
= Julieta =

Partir!

= Marianna = | a 6. |

Entrando pelo F.D. | Esta' lá em baixo o trem.

= Antonia = | passa a 2. |

Quer-me roubar a m.^a filha. Toma-a nos braços.

= Julieta =

Ora essa!

= Antonia = g.^{ta} A. C. J. P. M. J.

Gritando | Quer-me arrancar a m.^a rica filha!

= Juliet =

Que já não sabe o que diz | Voltamos d'aqui a uns dez
annos. | sohe |

= Port =

Não o deixando passar | 5. | Hasde passar por cima do meu
cadaver, miseravel!

= Antonia =

Baindo na cadeira ao pé da mero pequena | cdi: que eu morro! ai!

que eu morro. Desmaia.
= Carolina =

Correndo a ella | M.^a mãe!
= Julieta =

Correndo o mesmo | Mãe!
= Juliet =

Desesperado | Apre. com os diabos! que já estou for-
to de tudo isto! atira furioso com o sacco de noite de en-
contro a porta |
= Caroline =

Caindo de joelhos diante de sua mãe, com indignação a Juliet |
Deixe-me salvar a m.^a mãe, Sr.^a; e mate-me
depois!

Que o parmo.

Fim do segundo acto.

Infeliz Carolina!

Acto 5^o

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

1882

Acto 3º

O mesmo scenario. - É noite - Estão accesos os candieiros - Num em cima do fogão, outro na mesa e c.

por detrás da cadeira.

3 1 2 3 4 de joelhos 5 6 de pé.
Portenville, Julieta, Antonia, Carolina, Marianna Saturnino,
e ~~Jubinet~~ a 7 sentado á D.

Antonia continua desmaiada. Carolina está a seus pés, esfregando-lhe as pontas com um lenço que molha num copo de agua que Marianna tem na mão; do outro lado Julieta faz-lhe respirar um frasco; Portenville de relógio na mão, olha para sua mulher; Saturnino lança uns olhares indignados a Jubinet, que está sentado no canapé, como um homem que não vê, nem ouve nada do que se está passando em torno d'elle.

= Portenville =

\consultando o relógio\ Há dezasete minutos que ella se acha
n'este lamentavel estado! Precupera os sentidos,
antonica! \para Julieta\ Julieta, vae arranjear a cama de
tua mãe... Marianna, não ha remedio senão ires cha-
mar o medico. \para Julieta\ aquece-lhe a cama com
um esquentador. \para Marianna\ O D.º Morctonnnet. \Desce
a 1. \para Julieta\ Deita-lhe assucar.
= Julieta =

Sim, papá... ainda cá, Marianna.

= Marianna =

Aqui vou, meninha. \encolhendo os hombros, á parte\ Que

sucia de tolices! quando bastava aturar-lhe á cara
uma chapoeirada de agua. \Julietta e Marianne saem pela E.A.\

= Port. =

\Tecendo respirar a Ant.^a o frasco, que recebeu de Julietta \cristina
nha! não me ouves? é o teu esposo... é o teu jacyn-
tho que te chama! Nada! nada. \para Julietta continua
sentado este. \Reja, Sr., contemple a sua obra!

= Julietta =

A m^a obra! ah! isso é obra minha? \levantasse e passa l.\

= Port. =

\Amargamente \cristina! ah! é que m^a mulher, Sr., não está,
como a m^a pobre filha, habituada a essas tempestades
des conjugaes! a essas sanguinolentas dissensões in-
testinas. \com um grito. \cristina! os seus olhos abrem-se
de novo á luz.

= Ant.^a =

\com voz fraca\ Onde estou? Que se passou?

= Saturnino =

\erguendo as mãos ao céu \viverá! viverá!

= jubinet =

\Encolhendo os hombros\ Olha que novidade! \Ponha a 5 e senta
se no canapé.\

^{1 2 3 4 5}
P. A. C. S. J.

= Antonio =

\Com um grito de horror\ Elle! elle ainda! Jacyntho, manda
embora esse homem!

= jubinet =

Hein?

= Caroline =

\Abagando-a, sempre de joelhos\ Mãe!

= Portenville =

Animo, Antonia!

= Antonia =

\como acima\ afastem-n'o, já disse! Arranquem-n'o

d'aqui!\ jubinet levanta-se\

= Saturnino =

Vamos, Sr., retire-se, lembre que a sua presença

lhe é odiosa!

= Port. = ponce 4.

\com estorpo\ Saia, Sr.!

= Caroline =

Peco-lhe!

= Juliet = pome 3.

\Passando para junto de Carolina\ Também tu! M. \com voz su-
da\ Vou-me embora! vou-me embora! mas não
tardarão em receber noticias minhas... e dizem
estar que não há de ser boas \Gege febrilmente no che-
peu que Saturnino lhe estende\ Não há de ser boas! \Sae
precipitadamente pelo F.D.\

1. Scene 2.
Portenville, Antonia, Carolina, Saturnino, e Mariana.

= Antonia = 1.

\Que continuava a estar sentada, levanta-se de repente\ Que quer
elle dizer na sua?

= Port. = pome 3.

\com alegria\ Salva! está salva!

= Carolina = 2.

\Que também se levantou de repente\ Perdida!

= Port. =

Quem?

= Carolina =

Sim, sim, percebi perfeitamente. \pome 1.\

= Saturnino = p.a. 3.

Muito agitado, e passando junto de Antonia | Também eu! Também eu!

= Port = 4

Mas o que é? o que têm?

= Saturnino =

como acima | O olhar sombrio que elle lhe vibrou! Ah! este homem tem projectos sinistros! Vou seguir por essas ruas o vestigio dos seus passos. (Se correndo D.F.)

= Port =

Que diz elle?

= Caroline = p.a. 2.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Diz a verdade, meu pae! Sim, tem razão... Saturnino viu claramente o meu sombrio futuro... A m^a sentença está pronunciada! isto, mais tarde ou mais cedo, havia de acabar assim! com exaltação Mas não me queiro! mereci a m^a sorte. (p.a. 3.)

= Ant.^a = p.a. 2.

Estás variada, Carolina?

= Caroline =

Mereci a m.^a sorte, Torno a dizer-lhe! p.^a 2.

= Ant.^a = 13.

Mas explica-te!

= Port.^a = 1.

Falla! falla! \ Senta-se com ar digno, ao pé da mesa pequena á E. \

= Caroline =

\ Indo para seu pae | Ordena-me que falle? Fallarei! \ com
lgrimas. | Ah! meu pae! m.^a mãe! sou muito culpada!
mas que querem? o cansaço! o tédio! um instante
de desvairamento! São immensos os dias! E depois
o ceu brumoso do outono! estes nevoeiros do Loire!
com pairão | E lá ao longe! ao longe no solo apicario!
o ceu ardente! as noites serenas! as grandes palmei-
ras! os frescos orais! via-o! de olhar em fogo! com
a redea nos dentes! devorando o espaço na rápida
carreira! Eu ia montada na garupa! voavamos
pelos ares infinitos! uma nuvem de fumo nos

envolvia! senti-o desmaiar! ragara-lhe as carnes
uma bala inimiga! amparava-o nos braços!
pensava-lhe a ferida! e os seus lábios poiscavam
ao de leve no m.^{te} fronte! A noite estendia os
seus veus sobre o deserto immenso! e então...
altava! Ah! como eu era feliz! como eu era feliz!
(passa a 3.)

= Port =

Levanta-se, à porte, atordado! Ah! isto passa-se na Africa!

= Ant.^a =

A nossa filha no deserto! (levanta-se) E nós sem saber
mos! Como é que ella arranjava? como uma inspi
ração subita! Ah! desgraçada! Levantava-se de noite.

= Carolina =

Continuando, com uma exaltação crescente | Direm que o amor
encurta as distancias... não ha proverbio mais
verdadeiro; porque a cada instante, a cada ~~instante~~
& minuto, o meu coração voava para elle!

- Port -

\ Batendo na testa | O seu coração! Ah! percebo agora!'

- Carolina -

\ Continuando | Mas elle chegou enfim, e o meu coração já não precisava de viajar, ia ter descanso talvez, mas um descanso criminoso. Então tive medo, quize fugir ao perigo, e confessei tudo a meu marido!

- Ant.^o -

Deus do céu!

- Port -

Deus do céu! Deus do céu porque? A nossa Carolina não deu a mais leve beliscadura na honra conjugal. Não é verdade, Carolina, que lhe não deste um beliscão? p. 2.

- Ant.^o -

\ Com dignidade | Dou-lhe um beliscão moral, Irmão meu marido! \ muito agitada | É nossa filha tem razão! Saturnino tem razão também! Pára sobre

4
nós uma grande desgraça!
= Carolina =

{Febilmente} Oh! se paira! não paira, m.^{te} mãe? p. 2.
= Port =

O que! pois vocês agora vão partilhar as suspeitas
d'aquelle asno do Saturnino? podem suppor o Ins-
gubinet capaz de...?
= Ant.^o =

Um esposo ultrajado deve ser capaz de tudo. até de
um crime!
= Carolina =

Deve! deve! p. 1.
= Port. =

{Em voz baixa, indo ter com sua mulher} Vê lá se te callas!
{Carolina senta-se ao pé da meza pequena}
= Antónia =

{Sem o ouvir} Ora diga-me uma coisa, Ins. Portenville!
quando o Ins. estava ao meu lado, descrevendo-me
o seu affecto, e as labaredas da sua paixão, o que
diria se soubesse que o meu amor se mettia na
diligencia das cinco horas para ir voar a Paris,

ao quartel da rue de Burnon, onde estava meu primo
Cornillac?

= Port. =

\Indireitando-se\ M.^o Lrs.^o, não fallemos n'estas coisas.

= Ant.^o =

O que diria se eu lhe communicasse o seguinte: "Sr.
Portenville, a sua jaqueta, os seus sapatos de d'ivella
e o guardanapo que lhe orna o braco já não são suf-
ficientes para a m.^o felicidade! preciso de umas
calças de lista, de uma golla amarella, e de um
holdrie?"

= Port. =

\Sombrio\ M.^o Lrs.^o!

= Ant.^o =

É enqum, se no meio das expansões das... das nos-
sas palestras mais intimas, em vez de dizer: "Amo-o,
Sr. Portenville." eu exclamasse: "Amo-te Cornillac!"
quearias tu, Jacyntho?

= Port. =

\Com um gesto terrivel\ Não sei, Deus meu, não sei!

= Ant² =

\ Satisfeita | já vê por conseguinte que a nossa filha
está perdida!

= Port =

É verdade!.. é bem verdade.. \ Começando com agitação
\ sole | Sim, compreendo agora que um marido
n'esta situação anormal pode chegar ás ultimas
extremidades; é evidente! é evidente! Desce a 2.^a pa-
ra Caroline | Mata-te, m.^{te} filha, mata-te!

= Caroline = 1.

Socegue, meu pae! Estou resignada, bem vê! Estou
perfectamente resignada... Já deramnos que tenho
a convicção de que hei de morrer nova! Mas a mor-
te não me assusta! pelo contrario! o que é a vida!
Um fardo pesadissimo. \ levantando-se | É, se esse ho-
mem, na sua justa vingança, me quizer livrar
d'este peso, ainda o abençoarei, meu pae, ain-
da o abençoarei.

= Port =

Não faltava mais nada!

= Caroline =

O que estou dizendo, bem sei que lhes hade ser muito desagradavel; mas, que querem, se eu estou farta d'esta existencia de ovos e de assucar! este horizonte de toucinho do ceu já me não basta! sinto necessidade de ir ver as espheras! \ nome 3. \

= Antônia =

Carolina! \ Para o marido \ meu amigo, ella quer ir ver as espheras!

= Port =

Não o podemos consentir! \ Cassa 2. Para a filha, em tom de quem riua \ A menina não vai ver as espheras!

= Caroline =

Mais cedo ou mais tarde, isto havia de acontecer! estava escripto, antes seja agora! \ nome 2. \

= Ant^a = a 1.

M^{te} filha!

= Port = 3.

Então! então!

= Marianna = 2.

Entrando pela l. d. | Está a cama pronta!

= Carolina = 3.

Correndo para elle | Marianna, m.^{te} boa Marianna, se tens
de mim alguma razão de queixa, perdoa-me;
sim? perdoa-me!

= Marianna =

O que diz a Sr.^a?

= Carolina =

Dando-lhe uma cruz de ouro | Pega lá esta cruz...

= Ant.^a =

A parte | A minha!

= Port =

A parte | A cruz de sua....

= Carolina =

A Marianna | Liza-a sempre em memoria de tua
antiga e desgraçada ama! Nunca a ponhas no
prego, Marianna!

= Marianna =

\chorando\ Mas, m^{de} Lou^{de}

= Carolina =

\Para os paes\ Abraça-me, beijem-me... abraça-me
tambem, Marianna! pensem de quando em quan-
do, sim? na infeliz Carolina! \com esforço\ Bem!
vou esperar-o... vou esperar-o! \Soe L.A.\

= Ant^{de} =

Carolina! \Cae sentada ao pé de mere pequena\

= Marianna =

\chorando muito\ Hi! hi! hi! Mas então porque é
que a gente está a chorar?

= Port =

Marianna, acompanha a tua ama. Está um pou-
co agitada... não saias de ao pé d'ella... anda! an-
da! \Empurra Marianna que se pela L.A.\

Leme 5^{de}

Antonia, Porterville, depois Paulo de casaca e luva branca

= Port. =

Que hei de eu fazer, Deus meu, que hei de fazer?

Denunciar este homem, arranjar que o mettem
na cadeia? Impossivel! É preciso ter provas, e nós
não temos provas! Lembrar-se a gente que em Fran-
ça não se pode condemnar um homem sem pro-
vas! Sempre ha lacunas na lei!
— Antonio —

Isso é que é verdade! ^(levanta-se)
— Paulo —

Entrando F.D. acabando de abotoar as luvas | Marco sete e
meio... não se pode negar a mãe de uma meni-
na a um homem que calça sete e... | Dando soler-
mente um passo em frente | Meu tio!

— Port. — ^(Passa o 3 subindo)

Pouco o curio de escuta | Cala-te!
— Paulo —

E que é?

— Port. —

Locegonde | Enganei-me. Não é elle! ^(Desce)

— Paulo —

Ele quem?

= Port =

Lembrar-me eu que a estas horas, está elle apianado
na sombra um punhal homicida!

= Paulo =

Quem é que está apianado?

= Port =

Jubinet.

= Paulo =

Que foi que elle fez?

= Port =

Jurou matar Carolina!

= Paulo =

Vandeteiro! Ora adeus!

= Port =

E de um instante para o outro, Paulo, podemos vê-lo
apparecer, armado, de olhar feroz, e com a espuma
nos labios! Saturnino entra precipitadamente pela D. F.;

Porterville e Antonia soltam um grito. (Passa a 2) Ch. imaginei
que era elle!

= Antonie =

Ch. m.^a filha! que vamos nós saber?

= Paulo = (4^a tome a D.)

\A' parte\ Mas isto é um bando de alienados.

Scena 7^a
Os mesmos e Saturnino. D.F.

= Saturnino =

\Afoguetado, estafado, caindo n'uma cadeira que Porterville lhe chege\ Eis-me engim!

= Port. =

\Ancioso\ e chaste alguns indícios?
= Saturnino =

\Ameia voz\ Indícios horrorosos\ (Movimento de Porterville)

Durante perto de duas horas seguiu o homem,
como Hernani queria seguir Carlos 5^o.

= Antonia =

\Tremula\ E...?

= Saturnino =

É impossível, agora, duvidar das suas disposições
criminosas! \com voz cada vez mais sinistra\ E demais

oicam e digam o que lhes parece!

= Port. e Ant.^a =

Oicamos!

= Paulo =

(A parte) Vamos lá ouvir, deve valer a pena! (Foram re-
da a Saturnino)

= Port =

Falka!

= Saturnino =

Em primeiro lugar desatou a andar muito rapi-
damente, batendo assim na testa!

= Ant.ª =

Estava a reminar o seu projecto!

= Saturnino =

Depois aprourou o passo e passou uma das mãos
para traz das costas.

= Port. =

Qual?

= Saturnino =

A dextra, Sr.ª.

= Port. =

A dextra... sim... a que tem de banhar-se... Percebo!
não se atrevia a olhar para ella.

= Antonia =

É evidente!

= Saturnino =

Depois desatou de novo a correr...

= Port =

Era o crime que o arrastava!

= Saturnino =

E só parou na rua d'Illici, diante do hotel da
"Bola de Ouro."

= Port =

Para poder provar que estava fora de casa no dia
do crime!

= Saturnino =

Foi também o que me pareceu.

Escola Superior de Teatro e Cinema

= Port =

E depois?

= Saturnino =

Seguiu o seu caminho, e passou sem parar diante
da igreja de Santa-Cruz!

= Ant.^a =

O santuario horrorisara-o!

= Saturnino =

Até que, chegando á cadeia, esteve um momento

encostado ao muro.
= Port =

O pensamento do castigo!
= Saturnino =

Entrou emfim na rua Recouvrance, e ficou um
bom quarto de hora parado diante da botica.

= Ant.^o =

Ceus!

= Saturnino =

Com os olhos cravados n'um vidro de sanguessugas.

= Paulo =

(Como ferido por uma idea) Ah!

= Port = e A. p. a D. A.² Pa³

O que é?

= Paulo = 4.

Lembrou-se de Cleopatra! quer arranjar um apide.

(Levanta-se e arruma a cadeira)

= Saturnino =

(com desdem) Oh! não tem litteratura para isso! Era

o veneno, São Guibert, o veneno e nada mais.

= Antonia =

O veneno! (p. a. / por cima)

= Portuville =

\Com horror\ O sustento dos Borgia's \pare Saturnino\ E
depois? depois? = Saturnino = 2.

Largou outra vez a desfilada... Fuir tambem cor-
rer atraz d'elle, mas perdi uma galocha, e cahi,
quando me levantei, o assassino desaparecera!

= Port. e Ant.^o =

\Surdamente\ O assassino desaparecera!

= Port =

Não importa! já estamos prevenidos.
= Saturnino =

Está resolvido a tudo, como vêem.

= Port =

Monstro!

= Antonia =

Felizmente, estamos de sobre-aviso, e... \sobe\
(A sobe a 2.)

= Port. =

\Guentando\ Calçada! Fecharam lá em baixo a porta

da escada; e' o nosso homem! não o perdamos de
vista, mas o que e' necessario e' que tome cada
um de nós a posição mais natural. Tu, Saturno,
limpa o piano. Tu, Antonia, designando-lhe
a mãe pequena, senta-te alli. Dando-lhe o cofre de Paulo, abre
e fecha este cofre sem affectação. Tu, Paulo, ar-
ranja o candieiro. mostra o candieiro que está em cima
da mãe pequena. E eu... eu vou dar corda ao relógio. Assim
o homem não desconfia de coisa alguma! Todos os personagens tomam rapidamente as posições indicadas. P. ex. E. A. P.

Portenville ao fogão
= Paulo = (pessoa 3)

(A parte) Bem! e' caso assente! no dia seguinte ao
meu casamento, ferro com elles todos no hospital
dos doidos.

= Port. =

(De ouvido á escuta) Ah! vem elle! cuidado. (Julinet en-
tra pelo F. D.)

5.º F. D. Cena 5.ª

Os mesmos, Julinet, depois Marianna, Carolina, e Julieta.

Julinet entra vagarosamente e como que immerso nas suas reflexões. Vem

mais enroscado do que nunca!
= Zúbinet =

(Comigo) Tenho reflectido muito... Se a m.^a pobre Caro-
lina me tem perdido a affeição, provavelmente
é porque não tenho sabido fazer a feliz! A gente
às vezes imagina que é um bom marido, e afi-
nal de contas é um animal, um bruto... Acontece.
Agora lembro-me eu que, na coisa de trez mezes,
Carolina appeteceu uns brincos de diamantes,
e, como eu lhe não podia dizer o motivo porque
lhes não dava... talvez ella ficasse rancada... e
talvez até para se vingar, inventasse a historia
do caçador. (com profunda commoção) Pois podia
ter inventado outra coisa, porque me magoou
deveras. Sim... (Tocando no coração) Parece que tenho
aqui um pedaço de memos... Empim já cá es-
tão os diamantes... e já cá está uma ideia!

(Desce a 5.) = Port =
(Que depois de ter dado corda ao relógio de sala, pousa a 5 e está dando corda ao

ao relógio de algibeira! Scelerado! scelerado! está a reminar
o seu plano! \ Senta-se no canapé!
= jubinet =

\ A parte \ Já cá está uma ideia... Mas, para a executar,
preciso de Marianna que está provavelmente ao
 pé de m.^a mulher. Como hei de eu conseguir?
oh! já sei! \ Alto \ Está aqui muito frio!

= Port. =

\ A parte \ As consciências más têm sempre frio.

= jubinet =

\ Alto \ Será bom deitar mais... \ chamando \ Marianna!
O Marianna! \ Marianna entra pela E. A. e v. a 4 | \ Vae
buscar lenha, Marianninha! \ Marianna sai pela D. F. |

= Port. =

\ A parte \ Crocodilo! a fazer voz adocicada!

= jubinet =

\ A parte \ Preciso que Marianna me abra esta noi-
te a porta do quarto de m.^a mulher... essa por

ta que ha dois dias está fechada para mim.

= Port =

\A parte\ Que olhar de tigre! \ Todos os outros personagens de quem disparadamente com os olhos todos os movimentos de jubinet. Marianna torna a entrar pelo F.D., trazendo lenha que vai mettendo para o lume, de joelhos diante do fogão. \ a H.

= jubinet =

\A parte\ Marianna, disparcemos! \ sobe \ chega-se para ella a pouco e pouco. Alto e sentando-se ao pé do fogão \ Isto sabe que é uma delicia. \ Debruçando-se para Marianna, em voz baixa \ Marianna \ Senta-se à D. do fogão. \

= Marianna =

Senhor?

= jubinet =

\Baixo\ Tchô!.. Cala-te... \

= Port =

\observando-o, a parte\ Está a gallyar baixinho com a Marianna.

= jubinet =

\Que disse effectivamente algumas palavras a Marianna.\

Percebeste bem?

= Marianno =

Sim Sr.

= jubinet =

\ como acima | Não te esqueças! a meia noite! nem
uma palavra! \ dando-lhe dinheiro | Pega lá!

= Port =

\ A parte | Que vejo eu? Está a corromper a criada!

= Marianna =

\ Baixo para jubinet | Mas diga-me uma coisa, porque é
que o Sr. não entra já no quarto da Sr.^a? Ella
ainda não está deitada, está a escrever.

= jubinet =

A escrever?

= Marianna =

Está, n'um papelão muito grande, que tem em cima
estas palavras: "Isto é o meu testamento."

= jubinet =

\ A parte, levantando-se | Oh! meu Deus! pois ella querera'!...

Oh! deixem-me lá ir! Vae a correr para o quarto de Carlos

na; mas Antonia dá um grito, levanta-se, e salta-lhe ás quellas, em-
quanto Portemille~~te~~ lhe agarra as abas do casaco | S. sobe 1.

= Port = 5.

Suspensa!

= Antonia = (sobe e 3.)

(com horror) A' nossa vista! queria fazer semelhante
coisa a' nossa vista!

= Juliet =

(Atordado) Ei! a' sua vista! ora deivem-me!

= Port =

(Para Paulo que se trahê a rir, indicando-lhe Marianna) Prenda a
sua cumplice!

= Marianna =

Ei? (Caso é D. assim como Saturnino que subio) p. a 6. e J. a 5.

= Julieta =

P. 1	J. 2	P. 3	J. 4	P. 5	J. 6	P. 7
------	------	------	------	------	------	------

(Entrando pelo D.) Que temos?

= Marianna =

Eu sei lá!

= Juliet =

Que quer isto dizer?

= Paulo =

\grave{G}ravemente\ Quer dizer, meu primo, que sabemos tudo.

Ah! entao o Sr. queria livrar-se da sua mulher?
nha? Olhe que isso nao e bonito, sabe?

= Guilbert =

\meio parvo\ Nao e bonito?

= Bert =

\Majestoso\ Sejamos serios, Sr. Guilbert! Isto nao e caso
de risota!

= Ant.^a =

Nao se brinca assim com os terrores de uma mae
e de um pae. \Carolina entra pela L.A. a 2. Antonia corre po-

ra ella tomando-a nos bracos\ Nada temas, m.^a filha! O
culpado ja se entregou! = Guilbert = P.C.A.J.P.L.M.

Hein? o culpado? o culpado sou eu? Entao isto
nao e' uma cassocada, uma brincadeira? Effecti-
vamente acreditaram um e outro que...? \a Caro-
lina\ E tu tambem? Decididamente respondam
me: Sao maus ou sao parvos?

= Port =

Parvo? Eu parvo? Sim jubinet!
= jubinet =

Então são maus... pior ainda!
= Port =

Ora adeus, meu amigo, madeira de cantigas... E a
rua de Illiers, e a Bola de Ouro? e a igreja de Santa
Brux? e a cadeia? e a botica? Houve quem o
seguisse, Sim jubinet, e a sua correria desordenada
durou duas horas.

= jubinet =

\Simplesmente\ É verdade, mas olhem que me não
diverti n'esse passeio! Os Sim? nem imaginam os dramas
mas que se podem passar em duas horas na cabeça
de um pobre homem, que de subito descobriu
que sua mulher já o não ama! Os Sim? imagi-
nam que se não pode ser desgraçado porque uma
pessoa se chama jubinet, e porque não passa
de um simples confeitiro?... Pois enganem-se!

é-se muito mais desgraçado do que outro qual-
quer! Quando se é bonito, e rico e inteligente, que
importa um amor que se perde? vem logo outros
dois substituí-lo, e acabou-se! o desgosto bem ves-
tido, que passeia ao sol n'um dia de festa, depres-
sa se muda em indiferença quando não é em
alegria; mas o desgosto, que se arrasta... a pé...
à noite... quando chove... esse muda-se às vezes
em desespero quando se vira a esquina da rua
que vai ter ao rio!

= Caroline =

{d'parte} Este tom! estas maneiras!

= Port. =

{Principiando a vibrar a Saturnino olhares irritados} Então que
veio cá dizer-nos esse asno de Saturnino?

= Jubinet =

Sim; parei na rua de Illiers, diante do hotel
da Bole de Ciro; estava com a idea de ir lá pas-
sar a noite, mas... lembrei-me do nosso quar-

to, tão sereno, tão bem fechado, que illuminava
a essas horas ^{plaz} a lamparina de flores azues... e não
bati a porta do hotel de Bole de Ciro. D'ahi pas-
sei a correr por diante da igreja de Santa-Cruz...
d'onde sahi uma manhã, tão contente tão fe-
liz, espangando-me ao sol com a m.^a mulher
pelo braço... Depois, enfiiei pela rua Reconoran-
ce... A botica ainda ^{mas} estava fechada... e via-se
lá ao fundo a casa da familia para onde olhei
machinalmente. Estava a familia toda mu-
to aconchegada a ceiar com um modo satis-
feito! e alli estive muito tempo a pensar
e a chorar com os pés n'um charco!

= Caroline =

{A parte} Ah! senti um baque no coração! {passa a 3}
{chega-se para Juliette.} = Port. =

{Como acima} Este Saturnino é mau homem!

Julietta passa junto de seu pai, fazendo a Saturnino uma careta expressiva

= jubinet =

\continuando\ Então ocorreu-me uma idea, e fui de
carreira para o rio... \Movimento de Carolina\ Mas tive
de subito uma esperanza, uma esperanza idi-
ta! Talvez ainda me torne a amar, disse eu comi-
go; e fui muito depressa á rua Bannier, comprar
uns brincos de diamantes, que a Carolina ap-
petecera um dia. \passa a 2.\ Vae pol-os em cima de mere
Fico a dever mais isto! Não importa! O que eu
devia já não era pouco. \cae sentado ao pé de mere\

= Caroline =

\Commovida\ Como assim?

= jubinet = P. J. A. C. P. J. A. C.

Ah! não sabes, é verdade!... Nunca te quizer dizer...
porque tive sempre uma esperanza... Mas estou
nas vespersas de fallir!

= Ant.^a e Port =

De fallir?

= Carolina = \passa a 3.\

\correndo para elle\ Meu amigo!

= Julinet =

Não é por culpa m.^a, isso não é! mas a confeitaria grande da Rua Nova veio-me fazer um transtorno que nem se imagina. Lá está ella aberta toda a noite! e eu? eu fechei, porque a venda nem dava para o gar. Então! ha pessoas que tem azar! que se lhe hade fazer?

= Caroline =

(A parte, com alegria) Lagrimas! Vento aqui lagrimas! Todos, sem exceptuar Saturnino, estão a empregar os olhos! Ah! cá está a corda! vibrou a corda! (aproximando-se de Julinet) Basimiro! meu bom Basimiro! fizeste vibrar a corda! mas foi demais, foi demais! a corda quebra. (loucamente) abraça-me! abraça-me!

= Julinet = (levantando-se)

(alegre) Deus! do céu! Carolina me re-ama!

= Caroline =

Não; não, o que faço é amar-te. (ingenuamente) Porque ainda te não tinha amado. (Todos o rodeiam e o

acariciam, excepto Saturnino que se amia a parte | *cllo p 7.*

= Port = | *p a 7.* |

{Avançando para Saturnino, e com voz serena} Então, o Sr não
hesitou em calumniar um homem honrado? um
coração de ouro? Parta, fuja, vá esconder nas *steppes*
a sua vergonha, e o seu remorso. {*obrige-o e p a 7.*}

{batendo-lhe} = ~~Julietta~~ = | *p 6.* |

vae-te embora, anda, grande mau, vae-te embora!

= Saturnino =

{Berrando} Tem razão, menina, bata-me, ande... {Para
Julinet} Mate-me patrão! eu também o detestava...
e agora... Ah! Deus do céu! Não tenho de meu
senão os "corações de ferro" pois ahí os tem...
dou-lh'os.

= Paulo = 1.

{Baixo passando junto de Julinet} Meu primo, tenho um pé
de meia soffrivel, está ás suas ordens.

= Carolina =

As m^{as} joias... os meus diamantes, vende tudo...

trabalharemos depois... eu sei border... sei... olha,
dado toalhas de crochet.

= Julieta = \ p 4. | J =

\chorando e aproximando-se de Juliette\ E eu dado suspensórios.

= Caroline =

\Para Juliette\ am-o-te! Sou feliz! Ah! como é bom
a desgraça!

= Juliette =

\Dito de alegria\ M.^a mulher! M.^a irmã! \ p 2. | meu
primo!

= Port = \ p 6. - j p 5 |

\Abrindo-lhe os braços\ crescenta: teu pai!

= Ant.^a =

\Fazendo o mesmo\ E tua mãe!

= Saturnino =

\Mostrando Marianna\ E os seus dois fiéis servos!

j. p a b a abraçat-os. = Port =

Aben genro! pode ser que tenha razões de queixa

de m.^a mulher, quero reparar as suas culpas;

eu dou a cada uma de m.^{as} filhas cento e cincoen

ta mil francos de dote.
= Paulo =

{A parte} Bravo!

= Julieta = (p 2.)

{Bravo} Ficamos ricos!

= Port =

{Repetindo} Cento e cinquenta mil francos. com o
finório para jubinet {Mas olhe que você já recebeu cin-
coenta.

= jubinet =

{correndo a abraçá-lo} cth! com alegria {vou-me estabele-
cer na rua Nova, defronte da confeitaria grande!
e ponho na taboleta...} (p 4.)

= Caroline =

{Abraçando-o} A Infeliz Caroline!

= jubinet =

Não, não! O Feliz Confeiteiro! {Enchem-n'o todo de
carícias.

P. y^{ta} A. C. J. P. M. S.

Cae o panno

Fim do 5º acto da comedia Infeliz Caroline!

